

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO
DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO
CURSO DE JORNALISMO**

Luís Vicente Souza de Medeiros

**O rádio e o gênero jornalístico utilitário:
o programa *Boca no Trombone*, de Paulo Solano (1989-2005)**

Porto Alegre

2018

Luís Vicente Souza de Medeiros

**O rádio e o gênero jornalístico utilitário:
o programa *Boca no Trombone*, de Paulo Solano (1989-2005)**

Trabalho de conclusão de curso de graduação apresentado ao Departamento de Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Jornalismo.

Orientador: Prof. Dr. Luiz Artur Ferraretto

Porto Alegre

2018

Luís Vicente Souza de Medeiros

**O rádio e o gênero jornalístico utilitário:
o programa *Boca no Trombone*, de Paulo Solano (1989-2005)**

Trabalho de conclusão de curso de graduação apresentado ao Departamento de Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Jornalismo.

Aprovado em: _____

Banca examinadora:

Prof. Dr. Luiz Artur Ferraretto (orientador) – UFRGS

Prof. Dr. Flávio Antônio Camargo Porcello - UFRGS

Prof^a. Dr^a. Aline do Amaral Garcia Strelow - UFRGS

AGRADECIMENTOS

Agradeço aos meus pais, Altair José de Medeiros e Lucia Beatriz de Souza Medeiros, pelo esforço em priorizar a educação na formação dos três filhos. Aos meus irmãos, Rafael de Souza Medeiros e João Henrique Souza de Medeiros, pelo auxílio durante o cursinho e a faculdade. O meu muito obrigado a minha namorada, Rafaela K. Silva, pela paciência, compreensão e amor. Agradeço aos colegas de infância de São Francisco de Paula, aos amigos que fiz no Dorothea em Taquara e no cursinho Anglo em Porto Alegre. Aos companheiros de profissão que conheci na FABICO e na Rádio Bandeirantes de Porto Alegre. Dedico este trabalho a todos os professores que dispensaram parte de suas vidas à docência e que contribuíram para o meu desenvolvimento pessoal e profissional. Agradeço, também, ao jornalista e advogado Paulo André Fernandes Solano pelos momentos doados para a construção deste trabalho. Por fim, agradeço, de forma especial, ao professor e orientador desta monografia, Luiz Artur Ferraretto, por toda a atenção e paciência.

Il est bien plus difficile de se juger soi-même que de juger autrui.

Antoine de Saint-Exupéry

Le Petit Prince

RESUMO

O trabalho busca resgatar a trajetória do programa *Boca no Trombone* e de Paulo Solano dentro do jornalismo. A partir do ingresso desse profissional no meio esportivo, a monografia reconstrói alguns passos da sua carreira até a idealização de um programa voltado à prestação de serviço para aposentados que veio resultar no programa *Boca no Trombone*, da Rádio Bandeirantes, de Porto Alegre. Neste estudo, são abordados os gêneros jornalísticos, com ênfase no utilitário, a partir das obras de Melo (2009; 2010) e Ferraretto (2014). O referencial teórico da interatividade e da participação do ouvinte é desenvolvido segundo as considerações de Lucht (2010), de Klöckner (2011) e de Thompson (2002). A metodologia empregada para a reconstituição histórica parte de autores como Schudson (1993), Stumpf (2006), Duarte (2006), Gobbi (2006) e Alberti (2005). Entrevistas qualitativas foram realizadas com pessoas que conviveram com Paulo Solano e também com colegas de profissão. Além disso, foram consultados documentos e bibliografia disponíveis sobre o tema. A monografia reúne dados e impressões com o objetivo de contribuir para a construção da história do rádio gaúcho. Por fim, o trabalho destaca o programa *Boca no Trombone* como uma experiência de jornalismo utilitário e o interesse de Paulo Solano em orientar as pessoas.

PALAVRAS-CHAVE

Boca no Trombone; Paulo Solano; Rádio Bandeirantes; gênero utilitário; interatividade.

ABSTRACT

This paper aims recover the trajectory of the program *Boca no Trombone* and Paulo Solano within journalism. From his entry into sports journalism, the monograph reconstructs some moments of his career until idealization of a program aimed at provision of service for retirees that came to result in the program *Boca no Trombone* of Radio Bandeirantes of Porto Alegre. In this study, the journalistic genres are broached with emphasis on the utilitarian genre from the works of Ferraretto (2014) and Melo (2009; 2010). The theoretical reference of interactivity and listener's participation is developed according to the considerations of Lucht (2010), Klöckner (2011) and Thompson (2002). The methodology used for historical reconstruction broach authors such as Schudson (1993), Stumpf (2006), Duarte (2006), Gobbi (2006) Alberti (2005). Qualitative interviews were conducted with people who had a close relationship with Paulo Solano and also with coworkers. In addition, available documents and bibliography on the subject were consulted. This monograph gathers data and impressions with the purpose of contributing to the construction of the radio's history of Rio Grande do Sul. Finally, this paper emphasizes the program *Boca no Trombone* as an utilitarian journalism experience and Paulo Solano's interest in guiding people.

KEYWORDS

Boca no Trombone; utility genre; interactivity; Paulo Solano; Radio Bandeirantes

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Paulo Solano	43
Figura 2 – Paulo Solano entrevista Pelé	44
Figura 3 – Divulgação da programação com Paulo Solano	46
Figura 4 – Paulo Solano na TV	47
Figura 5 – Paulo Solano e a equipe de esporte da TV Difusora.....	48
Figura 6 – Paulo Solano e o Rede Cidade	51
Figura 7 – Paulo Solano e o Rede Cidade	52
Figura 8 – Paulo Solano apresenta Boca no Trombone	56
Figura 9 - Paulo Solano	60
Figura 10 – Paulo Solano apresenta o Boca no Trombone junto com o filho Paulo André Solano	65

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	10
2. BASES TEÓRICAS E METODOLÓGICAS	16
2.1 O VIÉS HISTÓRICO DA ECONOMIA POLÍTICA DA COMUNICAÇÃO	16
2.2 METODOLOGIA EMPREGADA.....	19
2.2.1 ENFOQUES HISTÓRICOS AOS ESTUDOS DA COMUNICAÇÃO.....	19
2.2.2 PESQUISA BIBLIOGRÁFICA.....	20
2.2.3 ENTREVISTA EM PROFUNDIDADE, MÉTODO BIOGRÁFICO E HISTÓRIA ORAL	21
3. JORNALISMO DE SERVIÇO E O OUVINTE	25
3.1 O GÊNERO JORNALÍSTICO UTILITÁRIO	25
3.2 A PARTICIPAÇÃO DO OUVINTE.....	30
4. PAULO SOLANO E O BOCA NO TROMBONE.....	39
4.1 A HISTÓRIA DO JORNALISMO DE SERVIÇO NO RIO GRANDE DO SUL	39
4.2 A VIDA DE PAULO SOLANO	41
4.3 O <i>BOCA NO TROMBONE</i> E SUA HISTÓRIA	55
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	69
REFERÊNCIAS	72

1. INTRODUÇÃO

O rádio e o gênero jornalístico utilitário: o programa Boca no Trombone, de Paulo Solano (1989-2005) propõe o resgate histórico do período inicial desse conteúdo irradiado pela Bandeirantes, de Porto Alegre¹, e dedicado à prestação de serviço. Esta monografia foi desenvolvida a partir de dois eixos. O primeiro coloca em evidência o jornalismo utilitário, um dos gêneros trabalhados por José Marques de Melo (2010), e os conceitos de interação entre produtor e receptor desenvolvidos por John B. Thompson (2002). O segundo eixo trata da vida de Paulo Solano e do surgimento do programa na Rádio Bandeirantes, de Porto Alegre.

A reconstituição histórica do *Boca no Trombone* passa, também, pela construção dos conceitos de gêneros jornalísticos. Em sua taxonomia, José Marques de Melo (2010) divide o jornalismo brasileiro em cinco gêneros: informativo; opinativo; interpretativo; diversional e utilitário. Lailton Alves da Costa (In: Melo; Assis, 2010) considera os dois primeiros como os mais consolidados e reconhecidos na literatura. Dessa forma, a justificativa da monografia reside no esforço de trazer novos exemplos do jornalismo utilitário. O gênero está, segundo o autor, em crescimento nos veículos de comunicação, em decorrência das transformações sociais e econômicas do país. A atenção especial ao gênero jornalístico é relevante porque

[...] os jovens diplomados encontram resistências para ingresso no mercado de trabalho, desconhecedores que são, [...], das especificidades do relato jornalístico e de sua aderência a um sistema que os diferencia por gêneros, formatos e tipos, determinados pelos antigos e novíssimos suportes (MELO, 2010, p. 23).

Melo reconhece a natureza efêmera da classificação decorrente da diversificação e complexidade do jornalismo ao longo das décadas, portanto a retomada dos conceitos torna-se essencial para o estudo do conteúdo jornalístico.

O objetivo, também, é traçar paralelos com programas que já praticavam a prestação de serviço no rádio do Rio Grande do Sul, uma vez que exemplos do formato de jornalismo utilitário estavam no rádio popular ou a precursores deste. A programação deste segmento é baseada na coloquialidade dos seus comunicadores, no sucesso das músicas veiculadas, na exploração do noticiário policial e na constante prestação de serviço. (FERRARETTO, 2007,

¹ A criação da Bandeirantes FM remonta a ano de 1977, com a chegada do Grupo Bandeirantes de Comunicação ao Rio Grande do Sul. Na época, a emissora paulista era dirigida por João Jorge Saad. No dia 15 de fevereiro de 1995, como Band AM, a estação dos 640kHz estreia uma nova grade que inclui versões locais para programa da Rádio Bandeirantes AM, de São Paulo. De março de 2000 a dezembro de 2001, a estação 640kHz e a 99,3 MHz apresentam o mesmo conteúdo diferenciando-se apenas nas transmissões esportivas da dupla grenal realizadas no mesmo horário. A rádio AM, que possui maior potência, fica com a partida do interior. A FM, maior qualidade sonora, irradia a de Porto Alegre. Desde 2001, a estação 99,3 MHz integra a rede da Band FM, de São Paulo, de teor popular, enquanto a dos 640 kHz segue com uma programação que privilegia entrevistas, reportagens, serviço e esporte. (FERRARETTO, 2007, p. 293-299).

p. 505). Um exemplo na Rádio Gaúcha é o programa *Vozes da Cidade*, que colocava o ouvinte e seus problemas no ar.

[...] um programa vai explorar o caráter assistencial, dando espaço para as reclamações da população em uma época de extremo controle sobre tudo o que possa ser considerado uma crítica ao poder constituído, neste caso, os militares e as parcelas de classe por eles representadas dentro do governo ditatorial imposta ao país em 1964 (FERRARETTO, 2007, p. 513).

O programa foi lançado em 1967 e apresentado por Cândido Norberto e depois por Dilamar Machado. *Vozes da Cidade* abria espaço entre 13h15 às 14h, para as queixas da população de baixa renda:

Comecei com os problemas comunitários. Eu me lembro que durante uma semana critiquei o prefeito Célio Marques Fernandes, porque a Vila Santa Rosa não tinha saneamento básico, água potável e pavimentação. Até que o prefeito não aguentou e foi no meu programa dizer que já havia providenciado água para a vila. Aquilo me mostrou a força que o rádio tinha. Esse fato popularizou muito o programa (FERRARETTO, 2007, p. 513).

O programa vai contar com a presença do repórter Benami Salts para percorrer a cidade. Objetivo é registrar as queixas e os problemas da população. Por volta de 200 a 300 pessoas, em média, chegavam ao prédio da Rádio e TV gaúcha, no morro Santa Teresa. Outra referência desse tipo de programa, no Rio Grande do Sul é o *Clube da Boa Vontade*. Criação também de Cândido Norberto, foi a mais antiga manifestação de jornalismo de serviço. Seguindo a linha assistencialista, entrou no ar em outubro de 1949 na PRC2 – Rádio Sociedade Gaúcha. (FERRARETTO, 2007, p. 514-515)

Cabe salientar que, durante a maior parte da história humana, as interações sociais entre os indivíduos foram face a face. De acordo com o estadunidense John B. Thompson (2002), o desenvolvimento de novos meios de comunicação contribuiu para, além de novas redes de transmissão, criar novas formas de ação e de interação e novos tipos de relacionamentos sociais. A interação se dissocia do ambiente físico, de tal maneira que os indivíduos podem interagir uns com os outros ainda que não partilhem do mesmo ambiente espaço-temporal. Para o autor, existem três formas: *interação face a face*; *interação mediada*; *quase-interação mediada* (THOMPSON, 2002, p. 77-79).

Ao distinguir os três tipos de interação, Thompson (2002) salienta que situações interativas podem coincidir. O autor utiliza o meio televisivo para sua análise. Mas, apropriando-se dos conceitos, encontra-se no *Boca no Trombone* um caráter dialógico em que o fluxo das mensagens existe em ambos os sentidos. O programa vai estabelecer uma relação com o ouvinte de *interação mediada* e a *quase-interação mediada*. Na prática, um pequeno número de ouvintes expressará seus questionamentos devido à duração e temática do

programa. No entanto, esses receptores deixam de ser anônimos e invisíveis e passam a contribuir diretamente com o conteúdo do programa. Os receptores dependem dos produtores para o conteúdo do *Boca no Trombone*, os produtores dependem dos receptores e da sua vontade de assistir ao programa e de participar dele a fim de sustentar a audiência. O estadunidense ressalta que a relação entre uns e outros é um vínculo de mútua dependência.

O objetivo da monografia, também, é descrever uma experiência de jornalismo utilitário em Porto Alegre conduzida por Paulo Solano. O jornalista e o *Boca no Trombone* estiveram, durante 16 anos, na Rádio Bandeirantes, de Porto Alegre. Inicialmente, o programa chamava-se *O Problema dos Aposentados*. Ele ia ao ar todos os sábados das 8h às 10h e participavam da transmissão Paulo Solano, que era o âncora, além de representantes de aposentados, servidores públicos e sindicatos. A transmissão também contava com advogados especialistas na área. A proposta era resolver as dúvidas trabalhistas e previdenciárias de ouvintes que podiam tratar das questões diretamente com os convidados via telefone ou carta. A monografia também realizou pesquisa em documentos da programação da Rádio Bandeirantes de Porto Alegre. O material registra que a equipe do *Problema dos Aposentados* tirava as dúvidas de, em média, trinta ouvintes por semana (Rádio Bandeirantes, 1994a, f. 2). Após alterações na programação no ano de 1995, o programa muda de nome, e a manhã de sábado, na Bandeirantes de Porto Alegre, passa a contar com o *Boca no Trombone* (Rádio Bandeirantes, 1995a, f. 2). Paulo Solano seguiu na ancoragem do programa até seu falecimento em 2005. Após a morte do radialista, o programa teve continuidade com o seu filho, Paulo André Fernandes Solano, que participava como consultor jurídico no *Boca no Trombone*, desde 2002.

Natural da capital gaúcha, Paulo Solano nasceu no dia 11 de setembro de 1940 e começou a gostar do rádio na infância. Seu pai era gremista e o levava para assistir aos jogos do tricolor, mas ele preferia o Internacional. O futebol acabou influenciando-o no início da sua carreira na Rádio Clube Metrópole, em 1962, como redator esportivo. Solano trabalhou nas rádios Gaúcha e Farroupilha, jornal *Diário de Notícias* e Rádio e TV Difusora. Em entrevista concedida ao projeto *Vozes do Rádio* da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Paulo Solano (2004) afirma que o *Boca no Trombone* estava focado na crítica aos serviços prestados pelos governos à população e na defesa dos direitos dos aposentados a partir da participação do ouvinte (SOLANO In: VOZES DO RÁDIO, 2004).

A monografia utiliza, como base metodológica, os estudos sobre comunicação do estadunidense Michael Schudson. Em *Enfoques históricos a los estudios de la comunicación* (SCHUDSON, 1993, p. 213-215), o autor aponta três caminhos: *macro-história*, que relaciona

os meios de comunicação com a evolução humana; *história propriamente dita*, que trata dos meios de comunicação com a história cultural, política ou social; *história das instituições*, que propõe entender o desenvolvimento das instituições e das linguagens específicas. A última proposta é a que mais se aproxima do tema proposto na pesquisa. Ao lado da perspectiva histórica da comunicação, uma das metodologias utilizadas é a da história oral e de vida, trabalhada a partir das entrevistas realizadas com produtores, convidados e apresentadores do *Boca no Trombone*.

A base teórica também está fundamentada na economia política face aos estudos da informação, já que a monografia considerou a descrição do desenvolvimento da economia política apresentada por Mattelart e Mattelart (1997). Nela, os autores descrevem que a evolução do tema ocorreu de maneiras distintas no mundo, desde 1960. Ambos destacam que, a partir de 1975, o estudo se aprofunda e passa de uma reflexão genérica sobre a *indústria cultural* para as *indústrias culturais*. Os estudiosos utilizam a investigação da equipe de Bernard Miège em *Capitalismo e Indústrias Culturais*:

Refutam a ideia, muito estimada pela escola de Frankfurt, segundo qual a produção da mercadoria cultural (livro, disco, cinema, televisão, imprensa etc.) responde a uma única e mesma lógica. Para eles, a indústria cultural não existe em si: é um conjunto composto, feito com elementos que se diferenciam extraordinariamente. Com setores que têm suas próprias leis de standardização. Esta segmentação de formas de rentabilização da produção cultural pelo capital se traduz nas modalidades de organização do trabalho, na caracterização dos próprios produtos e seu conteúdo, nas formas de institucionalização das distintas indústrias culturais (serviço público, relação pública/privada, etc.), em grau de concentração horizontal e vertical das empresas de produção e distribuição ou incluso na forma em que os consumidores ou usuários se apropriam dos produtos e serviços (MATTELART; MATTELART, 1997, p. 83).

Conforme os teóricos, o desenvolvimento desse entendimento busca entrar no complexo processo de valorização das atividades culturais pelo capital.

O trabalho também leva em consideração a visão do professor canadense Vincent Mosco (1998) acerca da economia política e os estudos da comunicação. A economia política é, em sentido mais genérico e ambicioso, o *estudo do controle e da sobrevivência na vida social*.

O controle refere-se especificamente à organização interna da sociedade e aos processos de adaptação a mudanças. A sobrevivência significa o modo como as pessoas produzem aquilo que é necessário para a reprodução e continuidade sociais. Segundo essa leitura, os processos de controle são principalmente políticos, uma vez que constituem a organização social dos relacionamentos dentro de uma comunidade, enquanto os processos de relacionamentos dentro de uma comunidade, enquanto os processos de sobrevivência são econômicos, pois preocupam-se com os processos e produção e reprodução. (MOSCO, 1998, p. 98)

Mosco argumenta que a força dessa definição reside no fato de fornecer à economia política o fôlego para englobar todas as atividades humanas. A vertente teórica busca compreender as mudanças e transformações sociais no mundo focando a transição da economia industrial para uma economia de serviços. Os estudos de Mosco apontam para o protagonismo da informação e dos meios de comunicação devido à relevância das suas indústrias e tecnologias. Dessa forma, o autor canadense aponta que os estudos sobre a economia política da comunicação transitam dentro dos seguintes aspectos: a totalidade social, compreendida como a preocupação em abarcar o todo social (aspectos econômicos, políticos, sociais e culturais) para que seja viável a realização de análises coerentes; a filosofia moral, considerando os valores que influenciam na tomada de decisões e no comportamento humano; a práxis social, acreditando que o conhecimento apreendido através de pesquisas pode servir como meio para interferir de forma prática na sociedade; e a história e mudança social, preocupada com as alterações sociais e históricas (MOSCO, 1998, p. 98-100).

No Cenário dos estudos sobre gêneros jornalísticos, Laílton Alves da Costa (2010) aborda as implicações pós-fordistas e as novas tecnologias de comunicação e informação no jornalismo produzido no âmbito das indústrias culturais contemporâneas. O autor levanta a hipótese de que o regime de acumulação flexível em vigor leva a estruturar a produção jornalística a partir da prevalência do entretenimento e da prestação de serviços em detrimento da notícia de interesse público (In: Melo; Assis, 2010, p. 68). As transformações históricas e sociais vividas, desde a assinatura da constituição de 1988, inauguram uma consciência cidadã. Os reflexos podem ser percebidos na sociedade brasileira, em especial no mundo do trabalho, que passou a contar com direitos trabalhistas essenciais, inéditos à época, no texto constitucional. Hoje, estão incorporados ao cotidiano das relações formais de trabalho temas do Boca no Trombone.

Parte da pesquisa ocorreu em bibliotecas e repositórios digitais de três universidades gaúchas: Universidade Federal do Rio Grande do Sul; Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul e Universidade do Vale do Rio dos Sinos. Em nenhuma delas, foi encontrado um estudo relacionado especificamente ao programa *Boca no Trombone*. Fazendo uma busca nas bibliotecas e nos repositórios virtuais das três universidades do Rio Grande do Sul não foi possível encontrar, também, um estudo diretamente relacionado ao serviço no rádio, tampouco utilizando as palavras-chave “jornalismo utilitário” e “jornalismo de serviço”. Exceções foram encontradas na UFRGS: artigo *Radiojornalismo e serviço : a mobilização dos recursos jornalísticos da Gaúcha, de Porto Alegre, na cobertura da enchente na cidade de Esteio*, de Henrique Neitzke Dellazeri (2014) para o Encontro de Jovens

Pesquisadores em Jornalismo; o trabalho de conclusão de curso *Jornalismo cultural de serviço : uma análise dos roteiros de cinema dos jornais O Globo e o Estado de São Paulo*, de Tássia Carina Kastne (2010). Na biblioteca digital de teses e dissertações da PUCRS, foram encontrados dois trabalhos em gêneros jornalísticos: as dissertações *O sujeito comum nas crônicas de Martha Medeiros*, de Letícia Amaral Carlan (2012) e *O jornalismo sensacionalista na imprensa sul-rio-grandense: uma proposta de codificação de gênero*, de Fábio Antônio Flores Rausch (2011) - ambas do Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da universidade. Na Unisinos, a dissertação de mestrado *A paixão clubística no Rio Grande do Sul: um traço da identidade local presente nas linhas e nas entrelinhas das colunas de Zero Hora e Correio do Povo* de João Paulo Jobim Fontoura (2014) está entre os trabalhos sobre gêneros jornalísticos.

O estudo parte da abordagem teórica do gênero utilitário e da interatividade. Segue pelo resgate histórico do *Boca no Trombone* durante os anos de 1989 e 2005, e conta parte da história de Paulo Solano, principal âncora do *Boca no Trombone*. A partir desses pontos, o trabalho ficou dividido em cinco capítulos: (1) *Introdução*; (2) *Bases Teóricas e Metodológicas*; (3) *O jornalismo de serviço e o ouvinte*; (4) *Paulo Solano e o Boca no Trombone*; e (5) *Considerações finais*.

2. BASES TEÓRICAS E METODOLÓGICAS

A proposta do capítulo é abordar a economia política da comunicação por seu viés histórico, principal base teórica desta monografia. O estudo considera os apontamentos de Mattelart e Mattelart (1997) e Mosco (1998). Na sequência, apresentam-se as metodologias utilizadas para construir esta monografia.

2.1 O viés histórico da economia política da comunicação

Na década de 1960, a comunicação começou a fazer parte dos estudos da economia política. Em 1975, passou a haver o entendimento da existência de não só uma indústria cultural, mas também de diversas indústrias culturais, o que marca o abandono de uma visão genérica sobre o tema. Conforme Armand e Michèle Mattelart (1997), o desenvolvimento da economia política ocorre em momentos diferentes no mundo: começa na América do Norte e segue para a Europa e para a América Latina. Em um primeiro momento, a economia política da comunicação adota uma forma de reflexão sobre o desequilíbrio dos fluxos de informação e de produtos culturais entre os países. (MATTELART; MATTELART, 1997, p. 77).

Os autores destacam que a economia política da comunicação é o resultado de uma ruptura das teses sobre a história do capitalismo moderno apoiada pelo marxismo clássico. O conceito também se afasta da polarização Ocidente/Oriente que marcou a sociologia norte-americana da mídia. Armand e Michèle Mattelart (1997) consideram as indústrias culturais como uma forma de observar os sistemas de comunicação de modo mais concreto, fugindo de formulações genéricas. Eles se contrapõem à ideia de que a produção da mercadoria cultural responde a uma única e mesma lógica. Para os autores, a indústria cultural é um conjunto composto por setores que têm suas próprias leis de divulgação. A exploração crescente dos bens culturais pelas empresas interessadas em lucrar com eles se traduz nas modalidades de organização do trabalho, na caracterização dos próprios produtos e conteúdo, nas formas de institucionalização das distintas indústrias culturais, no grau de concentração horizontal e vertical das empresas de produção e distribuição ou estão inclusos na forma como os consumidores ou usuários se apropriam dos produtos e serviços (MATTELART; MATTELART, 1997, p. 78-83). Já Vincent Mosco (1998) ressalta que os fundamentos filosóficos da economia política servem como ponto de partida para a pesquisa em informação, adotando uma perspectiva realista, inclusiva, constitutiva e crítica (MOSCO, 1998, p. 104-105).

Vincent Mosco (1998) afirma que a economia política estuda as mudanças sociais e as transformações históricas. Os economistas clássicos como Adam Smith, David Ricardo e John Stuart Mill buscaram entender a revolução capitalista e o deslocamento social que transformou sociedades agrícolas em sociedades comerciais, manufatureiras e, posteriormente, industriais. De outro ponto de vista, o crítico, Karl Marx examinou as forças dinâmicas dentro do capitalismo e outras formas de organização político-econômicas. O objetivo era encontrar um entendimento do processo de mudança social que resultaria na transição do capitalismo para o socialismo (MOSCO, 1998, p. 99).

O autor ressalta que, desde os primeiros estudos no século XVIII até os dias de hoje, a economia política procura estabelecer a unidade do político e do econômico, partindo de sua mútua influência e de seu relacionamento com as esferas de atividades sociais e simbólicas. Mosco (1998) ressalta que os estudos de informação e comunicação se fundamentaram em diferentes perspectivas de análise político-econômica. Cabe salientar que, embora existam exceções e interesses convergentes, a economia política da informação pode ser analisada a partir de um enfoque regional. O autor ainda destaca que a abordagem político-econômica da informação ainda não se encontra bastante desenvolvida teoricamente, para ser explicada através de um único mapa analítico. Mosco apresenta três correntes analíticas do tema: América do Norte, Europa e Terceiro Mundo (MOSCO, 1998, p. 99-102).

A pesquisa norte-americana é influenciada pelas contribuições de Dallas Smythe e Herbert Schiller. Ambos trabalharam na Universidade de Illinois e influenciaram diversas gerações de economistas políticos. O enfoque dos estudos de informação inspira-se na tradição institucional e marxista.

O interesse deles no crescimento, em tamanho e poder dos negócios transnacionais de informação os situa, certamente, na escola institucional, embora o interesse pelas classes sociais e o imperialismo da mídia imprima a seus trabalhos um foco marxiano definido. (MOSCO, 1998, p. 102).

Entretanto, Smythe e Schiller demonstram pouco interesse em estabelecer uma proposição teórica explícita sobre a informação. Mosco destaca que o trabalho segue orientado pelo sentimento de injustiça para o qual a indústria da informação se tornou parte integrante da ordem corporativa, que é a um só tempo exploradora e não democrática (MOSCO, 1998, p. 102).

A pesquisa europeia assume duas principais direções: a primeira enfatiza o poder a partir de uma perspectiva de classe. Influenciada pela Escola de Frankfurt, ela documenta a integração das instituições de informação e a resistência das classes subalternas e dos movimentos sociais. A segunda vertente destaca os conflitos de classe, marcada pelo trabalho

de Armand e Michèle Mattelart, que compreende a informação como uma das principais fontes de resistência ao poder. Seu trabalho demonstra como povos do Terceiro Mundo usaram os meios de comunicação de massa em oposição ao controle ocidental (MOSCO, 1998, p. 103).

Os estudos acerca da economia política da informação no Terceiro Mundo têm uma vasta área de interesse. No entanto, a principal corrente é uma reposta ao modelo desenvolvimentista, originado das tentativas de incluir informações em um esquema explicativo adaptado às principais correntes intelectuais e aos interesses políticos. Os economistas políticos do Terceiro Mundo são contrários à tese de que a mídia é um recurso que estimularia a modernização econômica, social e cultural, especialmente nos pontos em que existe determinismo tecnológico e a inexistência de qualquer interesse sobre as relações de poder (MOSCO, 1998, p. 104).

O enfoque tradicional da economia política concentra-se nas estruturas como as empresas ou o estado. No entanto, Vincent Mosco (1998) parte do princípio de que estruturas e instituições estão sempre mudando, portanto o autor afirma ser mais útil desenvolver pontos de análise que caracterizam processos. Com base nesse princípio, Mosco desenvolve um modelo analítico dividido em três categorias: mercantilização, espacialização e estruturação. (MOSCO, 1998, p. 105).

O processo de mercantilização, para Mosco (1998), apresenta um duplo significado para a pesquisa em informação. O autor destaca que as práticas e tecnologias informacionais contribuem para a mercantilização em curso na sociedade e destaca o processo como um ponto-chave para a compreensão das práticas e instituições informacionais específicas, apontando a informação como ponto central para a espacialização. Nesse sentido, argumenta que os processos e a tecnologia da comunicação e da informação promovem a flexibilidade e o controle no âmbito da indústria, com ênfase nos setores comunicacional e informacional. Mosco exemplifica que a espacialização compreende o processo de reestruturação mundial das indústrias e corporações empresariais. Por fim, o autor trata da estruturação como um auxílio na pesquisa para equilibrar a tendência da análise político-econômica. Mosco afirma ainda que o processo amplia a concepção de classe social para além de seu sentido estrutural a fim de incorporar a significação relacional e a constitucional do conceito (MOSCO, 1998, p. 106-111).

2.2 Metodologia empregada

Nessa seção, será apresentada a pesquisa histórica dos meios de comunicação de Michael Schudson (1993) além dos estudos sobre pesquisa bibliográfica de Ida Regina C. Stumpf (2006), método biográfico de Maria Cristina Gobbi (2006) e, por fim, as considerações sobre entrevista em profundidade por Jorge Duarte (2006) e história oral de Verena Alberti (2005). Procurou-se cruzar o conhecimento apurado através dos autores e entrevistas a fim de contar a história do programa *Boca no Trombone* da Rádio Bandeirantes de Porto Alegre.

2.2.1 Enfoques históricos aos estudos da comunicação

O estadunidense Michael Schudson (1993) considera subdesenvolvida a pesquisa histórica sobre os meios de comunicação. Depois de um passado sob a influência do poder religioso e do Estado, o autor ressalta a independência das instituições de comunicação que passaram a influenciar diretamente a política, a sociedade e a cultura. No entanto, a narrativa do acontecimento segue em um primeiro plano e os meios de comunicação permanecem no plano de fundo da história. Schudson afirma que os historiadores são treinados para buscar as ações dos atores motivados e menosprezar a influência das forças externas (SCHUDSON, 1993, p. 212).

Como possibilidades de compreensão acerca da história dos meios de comunicação, Schudson (1993) propõe três classes: *a macro história* que considera a relação dos meios de comunicação com a evolução humana, questionando o modo como a história da comunicação esclarece a natureza humana; *a história propriamente dita* que leva em conta as conexões da comunicação com a história cultural, econômica, política e social, buscando entender a influência das mudanças da comunicação sobre a sociedade; e *a história das instituições* que destaca os motivos do desenvolvimento das instituições de comunicação de massa. A monografia opta pelas considerações de Michael Schudson (1993) sobre a *história das instituições* para compor o estudo sobre o programa *Boca no Trombone*. (SCHUDSON, 1993, p. 213-215).

Schudson (1993) parte da indagação sobre o modo como determinada instituição de comunicação se desenvolveu, uma vez que o autor considera que as forças sociais externas são levadas em consideração somente quando afetam a instituição estudada e afirma que qualquer impacto sobre a sociedade em geral não chega a ser investigado. (SCHUDSON, 1993, p. 215). Também vai destacar que a *história das instituições* se apoia em documentos e

arquivos das organizações empresariais ou governamentais. Schudson (1993) ressalta que a categoria aproveita suas fontes para enfatizar as preocupações internas dos procedimentos da mídia, bem como a dinâmica e as consequências do crescimento e mudança de organização. No entanto, o autor vai ressaltar que os documentos organizacionais podem revelar pouco sobre o impacto mais amplo da mídia na consciência individual ou nas estruturas políticas e sociais (SCHUDSON, 1993, p. 216).

2.2.2 Pesquisa bibliográfica

Parte da história do jornalismo de serviço pode ser recuperada através do levantamento de informações de outros autores. O processo de pesquisa bibliográfica é abordado por Ida Regina C, Stumpf. A autora destaca que o planejamento inicial de qualquer trabalho vai desde a identificação, localização e obtenção de livros sobre o assunto, até a apresentação de um texto sistematizado, no qual é apresentada toda a literatura que o pesquisador examinou acrescida de suas próprias ideias e opiniões (STUMPF, 2006, p. 51). A autora ressalta a importância de revisar a literatura para conhecer o que já existe a fim de evitar esforços na resolução de um problema para o qual já tenha sido encontrada uma resposta. Stumpf (2006) afirma que a revisão da literatura é uma atividade constante em todo o trabalho de pesquisa acadêmica, principalmente em um tempo quando há grande número de informações cada vez mais complexas. (STUMPF, 2006, p. 52).

É importante considerar que, à medida que o pesquisador lê sobre determinado assunto, ele começa a identificar conceitos que se relacionam, até chegar a uma formulação objetiva e clara do problema que irá investigar. De todo o material reunido, ideias serão mantidas, enquanto outras podem ser abandonadas, no entanto não convém eliminar anotações porque o descarte pode ser momentâneo. Essas considerações podem servir para futuras investigações (STUMPF, 2006, p. 53).

Stumpf (2006) propõe um roteiro a ser seguido para concretizar a pesquisa. A autora afirma que o estudante deve escolher o objeto de estudo, elaborar um esquema provisório, definir as palavras-chave pelas quais o assunto principal será buscado, dentro dos limites de espaço e tempo em que pretende realiza-lo. Stumpf também orienta para a seleção das fontes que servirão de suporte ao estudo: bibliografias especializadas, como publicações científicas; portais; resumos de teses e dissertações, sendo que o primeiro possibilita a pesquisa do segundo item, no qual destacam-se os repositórios virtuais de universidades; e catálogos de

bibliotecas. Por fim, a autora afirma que se esperam inovações e atualizações para a temática estudada na pesquisa do aluno (STUMPF, 2006, p. 55-59).

2.2.3 Entrevista em profundidade, método biográfico e história oral

A entrevista em profundidade é um recurso utilizado na construção desta monografia devido à ausência de bibliografia relacionada ao programa *Boca no Trombone*. Jorge Duarte (2006) afirma que a técnica qualitativa explora um assunto a partir da busca de informações, percepções e experiência de informantes para analisá-la e apresentá-la de forma estruturada. Ainda segundo Jorge Duarte, a entrevista em profundidade é um recurso metodológico que busca, com base em teorias e pressupostos definidos pelo investigador, recolher respostas a partir da experiência subjetiva de uma fonte, selecionada por deter informações que se deseja conhecer (DUARTE, 2006, p. 62).

O uso de entrevistas permite identificar as diferentes maneiras de perceber e descrever os fenômenos. Jorge Duarte (2006) ressalta que a entrevista em profundidade não permite testar hipóteses, dar tratamento estatístico às informações, definir a amplitude ou quantidade de um fenômeno. Objetiva-se, segundo Duarte, saber como determinado assunto é percebido pelo conjunto de entrevistados com base no fornecimento de elementos para compreensão de uma situação ou estrutura de um problema. No estudo qualitativo em geral, o objetivo está mais relacionado à aprendizagem por meio da identificação da riqueza e diversidade, pela integração das informações e síntese das descobertas do que ao estabelecimento de conclusões precisas e definitivas (DUARTE, 2006, p. 63).

No entanto, Jorge Duarte (2006) ressalta que a entrevista como técnica de pesquisa exige elaboração e explicitação de procedimentos metodológicos específicos: o marco conceitual no qual se origina, os critérios de seleção das fontes, os aspectos de realização e o uso adequado das informações são essências para dar validade e estabelecer as limitações que os resultados possuirão. Segundo o autor, a entrevista pode ser classificada em duas tipologias: *a quantitativa* que é estruturada, fechada, em formato de questionário, abordagem linear e respostas previstas; e *as qualitativas* que são semi ou não estruturadas, abertas ou semiabertas, com roteiro ou com questão central, com profundidade e respostas indeterminadas (DUARTE, 2006, p. 64-65).

Cabe salientar, conforme escreve Jorge Duarte (2006), que a análise de fontes diversificadas de evidências, como documentos, observação e literatura ajudam a garantir a validade dos resultados suportados por entrevistas em profundidade. Validade e

confiabilidade no uso da técnica dizem respeito a três questões: seleção de informantes capazes de responder à questão de pesquisa; uso de procedimentos que garantam a obtenção de respostas confiáveis; descrição dos resultados que articulem consistentemente as informações obtidas com o conhecimento teórico disponível. Dessa forma, a monografia sobre o programa *Boca no Trombone* utilizou entrevistas semiabertas que possuem uma lista de questões-chave, mas podem ser adaptadas e alteradas no decorrer da entrevista. Um exemplo é quando duas perguntas podem ser respondidas em uma, e outra questão pode ser dividida em duas. Jorge Duarte considera natural nesta tipologia começar com um roteiro e terminar com outro diferente. (DUARTE, 2006, p. 67-68).

Jorge Duarte (2006) afirma que é importante obter informações que possam dar visões e relatos diversificados sobre os mesmos fatos. Pessoas em papéis sociais diferentes, recém-chegadas ou que tenham deixado a função recentemente, podem dar perspectivas e informações bastante úteis. Cabe salientar, conforme Duarte, que a relevância da fonte está relacionada com a contribuição que se pode dar para atingir os objetivos da pesquisa (DUARTE, 2006, p. 69).

Além de uma técnica de coleta de informações baseada na consulta direta a informantes, a entrevista em profundidade é um rico processo de aprendizagem. Pesquisas desenvolvidas com o uso da técnica de entrevista permitem ao analista gerar sugestões e críticas sobre o tema de estudo (DUARTE, 2006, p. 81).

A monografia também utiliza, para sua construção, o método biográfico. Maria Cristina Gobbi (2006) afirma ser um desafio escrever uma história de vida. No entanto, ela destaca que é uma oportunidade singular de mergulho no passado transitando pelo real e pessoal, além disso destaca o método como uma renovação do presente. Gobbi lamenta que os meios de comunicação de massa ainda não perceberam a importância e a potencialidade desse tipo de produção. Ela ainda destaca que são poucas as redes de televisão e revistas que têm feito investidas neste campo (GOBBI, 2006, p. 84).

Posteriormente aos anos de 1930, transformações teóricas e metodológicas significativas passaram a predominar nas universidades norte-americanas. Gobbi (2006) afirma que os relatos de vida foram considerados dignos de contribuir somente em quatro situações: “o controle e refutação de certas teorias; a formulação de hipóteses, a captação do subjetivo nos parâmetros de objetividade atribuídos aos processos sociais e a ilustração da dimensão temporal de um processo” (GOBBI, 2006, p. 87). Gobbi lembra que a história de vida não pode ser considerada uma autobiografia convencional. No entanto, ela ressalta que

não é uma ficção, portanto é uma maneira de renovar o presente, mostrando experiências válidas (GOBBI, 2006, p. 87).

Para Gobbi (2006), as fontes de um biógrafo são idênticas às de um historiador. Em seu trabalho, a autora classifica em duas categorias as fontes norteadoras do trabalho biográfico. As *primárias* são documentos cujas informações não dependem de filtro da memória humano na investigação e, dentre elas, destaca documentos (oficiais ou não); correspondências; clippings; livros de memórias e autobiografias; testemunhos orais; questionários; fotos e diários. As *secundárias* dependem diretamente do exercício da lembrança e são as entrevistas. Gobbi ressalta que tanto uma quanto a outra fonte requerem avaliações críticas. (GOBBI, 2006, p. 91-93).

Para o cumprimento dos objetivos desta monografia, foram consultados documentos oficiais da Rádio Bandeirantes de Porto Alegre, *clippings* da família de Paulo Solano que possibilitaram o conhecimento sobre fatos e contextos sociais. Testemunhos orais também foram utilizados e ofereceram a oportunidade de enxergar o entrevistado como indivíduo e membro de uma determinada circunstância social e temporal. Cabe ressaltar o papel das entrevistas na monografia. As lembranças e as recordações de familiares e colegas de trabalho que conviveram direta ou indiretamente com o biografado são um ponto central do trabalho (GOBBI, 2006 p. 91-93).

A história oral é um caminho metodológico que valoriza a memória das pessoas e compensa a falta de arquivos históricos sobre o programa *Boca no Trombone*. Verena Alberti (2005) ressalta que o método não pode ser simplificado na noção de realizar entrevistas com qualquer pessoa. A autora destaca que a história oral não é um fim em si mesma, mas um meio de conhecimento. Seu emprego só se justifica no contexto de uma investigação que pressupõe na articulação com um projeto de pesquisa previamente definido. Alberti justifica a escolha pela história oral para qualquer tema que seja contemporâneo cujos personagens ainda estejam vivos (ALBERTI, 2005, p. 29).

Alberti (2005) destaca a importância de estudar as versões que os entrevistados fornecem ao objeto de análise. A autora ressalta que uma pesquisa de história oral pressupõe sempre a pergunta aos entrevistados de como viam e veem o tema em questão. Uma outra possibilidade consiste em dirigir o foco de interesse não para aquilo que os documentos escritos dizem, mas para as versões que aqueles que participaram da trajetória possam fornecer sobre o assunto (ALBERTI, 2005, p. 30).

Conforme Verena Alberti (2005), o conhecimento prévio do objeto de estudo é requisito para a formulação de um projeto de pesquisa. Ela destaca que, no caso da história

oral, as escolhas de quais pessoas escutar, que tipo de entrevista adotar e quantas pessoas ouvir devem ser feitas no período de encaminhamento. As decisões fazem parte da prática da história oral e são objeto de reflexão no momento de elaboração do projeto de pesquisa. A listagem deve ser considerada como uma relação dos entrevistados em potencial, sujeita a circunstâncias que podem modificar os rumos do trabalho. Alberti ressalta que é preciso considerar a possibilidade de determinadas pessoas se negarem a prestar depoimento ou estarem excessivamente ocupadas para ceder parte de seu tempo. Outra circunstância diz respeito ao surgimento, no decorrer da pesquisa, de nomes antes não considerados ou ao desempenho de certos entrevistados em não corresponder às expectativas iniciais. Alberti afirma que a escolha dos entrevistados, por mais criteriosa e justificada que seja, só é plenamente fundamentada no momento da realização das entrevistas. (ALBERTI, 2005, p. 32-33).

3. JORNALISMO DE SERVIÇO E O OUVINTE

O capítulo apresenta uma breve descrição da história dos estudos dos gêneros jornalísticos no mundo e no Brasil. O tema foi embasado nas obras de Ferraretto (2014) e Melo (2009; 2010). Em um segundo momento, o desenvolvimento da interatividade nos meios de comunicação foi abordado a partir dos estudos de Lucht (2010), de Klöckner (2011) e de Thompson (2002). A proposta foi reunir as duas linhas de discussão, com o intuito de compreender a diversificação dos meios de comunicação. O capítulo pretende, ainda, abordar os modos de organização das mensagens, como elas se transformaram e quando novos formatos surgiram já que o jornalismo se configura de acordo com as respectivas peculiaridades culturais.

3.1 O gênero jornalístico utilitário

O início do percurso histórico dos estudos sobre gêneros jornalísticos dá-se no século XX, quando ocorria um fluxo migratório de jornalistas para os territórios da propaganda e das relações públicas. Nessas áreas, as mensagens eram reproduzidas de uma maneira persuasiva, mimetizando os formatos usuais no jornalismo. O ambiente histórico da “invenção” dos gêneros jornalísticos encontra-se na imprensa inglesa a qual dividiu *news* e *comments*. Na separação, acabou-se por instituir os dois gêneros fundantes do jornalismo contemporâneo – informativo e opinativo. A teoria dos “gêneros jornalísticos” foi primeiramente sistematizada pelo professor da Universidade de Paris Jacques Kayser, que acabou reconhecido como o “pioneiro no tratamento dos gêneros jornalísticos do ponto de vista acadêmico”. Raymond Nixon, contemporâneo de Kayser, também influenciou os estudos sobre o tema. A percepção das “funções que desempenha o jornalismo” na sociedade ofereceu o suporte teórico para a classificação dos “gêneros jornalísticos”: informativo (vigilância social), opinativo (fórum de ideias), interpretativo (papel educativo) e diversional (entretenimento ou lazer) (Melo, 2010, p. 24-25).

Lailton Alves da Costa (2010) ressalta o pioneirismo europeu nos estudos dos gêneros textuais. No campo do jornalismo, o autor destaca que as pesquisas acerca do tema ganharam relevância em 1950 com a sistematização decorrente da criação de disciplinas específicas na Universidade de Navarra, sob os cuidados do professor José Luiz Martinez Albertos (In: Melo; Assis, 2010, p. 44).

No Brasil, estudos e pesquisas sobre os gêneros jornalísticos iniciaram na década de 1960. Nesta assertiva, considera-se a trilogia de Luiz Beltrão: *A Imprensa Informativa* (1969)

Jornalismo Interpretativo (1976) e *Jornalismo Opinativo* (1980). Nela, o autor não conceitua os gêneros e divide o jornalismo em três categorias: informativa, interpretativa e opinativa. Na primeira, está a *notícia* e a *reportagem*. Na interpretativa está a *reportagem em profundidade*. Por último, na opinativa, estão o *editorial*, o *artigo*, a *crônica*, a *opinião ilustrada* e a do *leitor*. Quem dá prosseguimento aos estudos é José Marques de Melo. Em seus estudos, Melo trabalha, no ano de 1966, com a presença de três gêneros jornalísticos na imprensa diária: informativo (predominante nos jornais regionais), interpretativo (liderando o universo do *Jornal do Brasil*, emergente no *Jornal do Commercio*, do Recife, e residual no *Correio da Paraíba*) e opinativo (ocupando espaço semelhante na superfície impressa do jornal de prestígio nacional e nos diários de âmbito regional) (MELO, 2010, p. 25).

Após um período de pausa nos estudos relacionados ao tema, Melo volta a escrever na década de 1980. O autor revisa sua teoria, privilegiando a classificação vigente no Brasil, para caracterizar os formatos opinativos que, junto do informativo, eram a maioria. Publicado originalmente em 1985, o livro *Jornalismo Opinativo* estrutura sua classificação em dois critérios: a intencionalidade e a natureza estrutural do relato, limitando-se aos gêneros informativo e opinativo. Pelo ângulo da intencionalidade, nos relatos informativos, há o desejo de “reprodução” do real. no opinativo, a intenção de “ler” o real. Na época, Melo excluía os demais pois não encontrava no país ancoragem para o jornalismo *interpretativo* e o *diversional* (COSTA In: Melo; Assis, 2010, p. 45).

O critério proposto foi o da legitimidade situacional, resultado da sua observação que conceituou os formatos consagrados pelo uso consensual nas empresas do ramo. No entanto, o autor seguiu considerando o retrato dos gêneros jornalísticos como espelho de uma conjuntura específica. Os resultados demonstraram que a observação não dava conta da dinâmica dos gêneros jornalísticos o que acabava por evidenciar algumas mudanças:

1) o vulto de matérias focalizando “serviços” não mais cabia no formato “nota” do gênero informativo, sinalizando a emergência do gênero utilitário; 2) A presença de matérias do tipo enquete que se desgarravam dos formatos entrevista ou reportagem, denotando o reflorescimento do gênero interpretativo; e 3) o aparecimento significativo de textos conotados pelo humor ou pela ironia que deixavam de perfilar no território pertencente ao gênero opinativo, ensejando o cultivo do gênero diversional (MELO, 2010, p. 27).

Um autor que vai trazer contribuições importantes para os estudos dos gêneros jornalísticos no Brasil é Manuel Carlos Chaparro. O jornalista português questiona o binômio “informação-opinião” contrapondo a alternativa “relato-comentário”. (Costa, 2010, p. 46). Ressalta-se que Chaparro via o tema como um falso paradigma, porque o jornalismo não se divide, mas se constrói com informações e opiniões. O autor ressalta que, embora exista a

preferência pelo termo “construção” no lugar de “divisão”, a classificação se mantém bipartida, que acaba por remetê-la à clássica separação dos gêneros informativos e opinativos. Na obra de Chaparro, a classificação dos dois termos corresponde às ações jornalísticas de relatar ou comentar a atualidade. A partir da contribuição taxonômica de Manuel Carlos Chaparro, Melo (2010, p. 27) revisa sua classificação e adota o esquema que corresponde funcionalmente às peculiaridades do jornalismo. O autor passa, então, a trabalhar o conceito de gênero como uma categoria abrangente, ou classe, agrupando suas variantes em espécies, o que ajuda a ordenar o universo textual, neutralizando a tendência à fragmentação induzida pelos pioneiros no estudo dos gêneros jornalísticos.

Melo (2010) realiza, durante os anos 1990, uma série de observações empíricas que reafirmam a tese de que o jornalismo brasileiro permanece polarizado entre os gêneros informativo e opinativo. O autor segue tratando o jornalismo brasileiro como seguidor do modelo europeu, cultivando os dois gêneros vigentes no século XIX, mas já antecipando evidências dos outros gêneros testados em território norte-americano. O jornalismo opinativo coexistiu com o jornalismo informativo durante todo o século XX, contudo o autor aponta tendências para o aparecimento de outros gêneros. Os gêneros *interpretativo*, *diversional* e *utilitário* aparecem na passagem para o século XXI e disputam espaço com os gêneros precedentes. Seja de forma episódica, como o gênero *diversional*, ou de entretenimento. Intermitente como o gênero interpretativo ou explicativo. Seja ainda em ritmo crescente, como o gênero utilitário ou de serviço (Melo, 2010, p. 25-29).

Cabe salientar que uma unidade textual pode carregar em si mais de um propósito comunicativo. Nesse sentido, Lailton Alves da Costa considera a razão de utilizar os gêneros jornalísticos como instrumentos pedagógicos válidos para o ensino e aprendizagem do fazer jornalístico.

No plano acadêmico facilita a professores e aluno a divisão nesses gêneros – ainda que sugira uma visão estanque e fragmentada do discurso jornalístico -, de modo a racionalizar o tempo contado em semestre na graduação, para o ensino separado dos formatos, características e técnicas de redação para cada um. Outro argumento é que a expressão se justifica por indicar um texto cujo propósito comunicativo de maior peso seja o que o identifique, embora os outros possam aparecer de forma secundária (In: Melo; Assis, 2010, p. 43).

A razão de utilizar as expressões dá-se não só por sua legitimação na academia, mas também por sua presença dentro das redações. Costa (2010) argumenta que o editor, ao tratar a pauta da matéria com o repórter, pode sugerir uma “reportagem” sobre um fato ou humanizar o relato a partir de um “perfil”. O aproveitamento da informação e da antecipação da forma como será escrito o texto, soma-se ao conjunto de critérios e operações que

fornece aptidão para determinado fato merecer um tratamento e publicação jornalística. Eles compõem o conhecimento teórico-prático dos integrantes da comunidade jornalística e que chega ao leitor de uma forma discursiva (In: Melo; Assis, 2010, p. 43).

Janine Marques Passini Lucht (2010) também compartilha da conceituação em gêneros jornalísticos. A autora defende que os formatos são tipos de emissões que caracterizam determinado gênero, obedecendo a critérios de estilo, conteúdo e estrutura. Ela lembra que formato também pode ser sinônimo de estratégia de programação de determinada emissora. Para Lucht, os parâmetros contribuem para padronizar a emissão, facilitando o trabalho tanto do jornalista quanto do público receptor. Dessa forma, a autora propõe uma classificação atualizada dos gêneros jornalísticos diferente de outros autores como Barbosa Filho. “[...] unimos a experiência prática à classificação proposta por Marques de Melo (2006) – que abarca, principalmente os meios impressos – e a comparamos com a bibliografia existente sobre o tema referente ao rádio a fim sugerirmos a nossa própria teoria”. (LUCHT In: Melo; Assis, 2010, p. 273). O objetivo, segundo ela, foi estudar os gêneros radiojornalísticos e não todos os gêneros radiofônicos, que incluiriam publicitário, educativo, religioso e científico. (In: Melo; Assis, 2010, p. 270-273).

Costa (2010) ressalta que o cenário está cada vez mais propício para o jornalismo utilitário em função da crescente subordinação do jornalismo às novas estruturas em que é produzido. Em seus estudos, o autor observa que a notícia está perdendo o caráter de expressão do jornalismo porque as novas organizações multimídia não definem os critérios de noticiabilidade pelo interesse público, mas por critérios relativos à prestação de serviços e ao entretenimento (In: Melo; Assis, 2010, p. 69).

Na obra de José Marques de Melo, o autor tem como objeto de estudo jornais e revistas. Ele não insere, em um primeiro momento, no gênero utilitário os formatos: *chamada* que inclui textos para auxiliar o leitor a manusear o periódico; *indicador* que apresenta informações úteis em relação a órgãos do governo, empresas, instituições, países ou determinado assunto especializado; *roteiro* que apresenta dicas sobre shows, espetáculos, a relação de músicas selecionadas, trecho da programação de rádio, de televisão ou de cinema; *obituário* que divulga informações sobre óbitos registrados e normalmente são publicados em coluna específica. No entanto, tais conceitos foram posteriormente incorporados à literatura, em trabalho coordenado por Melo. Em trabalhos mais atuais do autor, figuram os seguintes formatos: *indicador* que apresenta dados fundamentais para a tomada de decisões cotidianas como, por exemplo, os cenários econômicos, a meteorologia ou a necrologia; *cotação* que aborda a variação dos mercados monetários, industriais, agrícolas ou terciários;

roteiro que divulga dados fundamentais para o consumo de bens simbólicos; *serviço* que fornece informações destinadas a proteger os interesses dos usuários dos serviços públicos como também aos consumidores de produtos industriais ou de serviços privados. (COSTA In: Melo; Assis, 2010, p. 72).

A monografia assume como conceito de gênero jornalístico o conjunto de parâmetros textuais selecionados em função de uma situação de interação e de expectativas dos agentes do fazer jornalístico. Ele será estruturado por um ou mais propósitos comunicativos que resultam em unidades textuais autônomas estáveis que serão identificáveis no processo de transmissão de informação por meio de um suporte (COSTA In: Melo; Assis, 2010, p. 47).

Em relação ao gênero utilitário, ele se origina no período de grande desenvolvimento econômico da sociedade norte-americana. As inúmeras mensagens informativas e publicitárias e a busca incessante de anunciantes pelos veículos de comunicação deixaram vulnerável a população na época. Lucht (2010) destaca que as matérias do gênero utilitário são fundamentais para facilitar e causar modificações no cotidiano do receptor. A autora propõe uma divisão em sete formatos do gênero: *trânsito*; *previsão do tempo*; *roteiro*; *serviço de utilidade pública*; *cotação*; *necrologia*; *indicador*. O primeiro é visto como informação obrigatória para ajudar o ouvinte no trânsito caótico das grandes cidades. A previsão do tempo tornou-se preciosa aos ouvintes porque proporciona-lhes saber o que esperar do clima no dia. Roteiro é a indicação de atrações culturais ou indicação dos capítulos de novelas da televisão. O serviço de utilidade pública constitui-se notas sobre “o que funciona no feriado”, “data limite para entregar a declaração do Imposto de Renda” ou solicitação de doadores de sangue”. Cotação refere-se aos índices da bolsa de valores e das moedas estrangeiras. Dependendo do público, também é divulgado o preço de grãos (soja, milho, feijão) e da arroba do boi gordo. Necrologia informa sobre a morte de uma pessoa, dando detalhes sobre quando e onde ocorreu, com informações de idade e qual foi a causa da morte - espaço pode ser maior dependendo da relevância da personalidade. É importante não confundí-los com anúncios pagos de convite para enterro e/ou missa de sétimo dia. Indicador é representado por aquelas matérias que ajudam o público a apreciar melhor determinados bens de consumo. Normalmente, apresenta avaliações feitas pela redação de determinado produto feitas pela redação. No rádio, pode-se acrescentar quando a equipe de reportagem sai às ruas para comprar o preço do combustível nas bombas de postos de abastecimento. (LUCHT In: Melo; Assis, 2010, p. 283-285)

Para Ferraretto, os programas de rádio que incluem informações sobre aeroportos, indicadores do mercado financeiro, pagamento de impostos, previsão do tempo, recebimento

de aposentarias e pensões, roteiro cultural e trânsito. Os ouvintes também podem entrar em contato com a emissora afim de repassar mensagens sobre animais perdidos ou veículos roubados, notas de falecimentos, pedidos de doação de sangue e recados. É possível ainda a indicação da hora e da temperatura ao longo da programação. Além disso, os programas do gênero podem realizar a intermediação na resolução de problemas da população. Basta o ouvinte encaminhar uma mensagem à emissora e constatar uma situação e, no ar, os órgãos públicos responsáveis manifestam-se a respeito (FERRARETTO, 2014, p. 97). O trabalho considera o programa *Boca no Trombone*, de Paulo Solano, um dos exemplos do gênero utilitário no Rio Grande do Sul.

3.2 A participação do ouvinte

O rádio cativa o ouvinte por sua simplicidade e rapidez. Além disso, apresenta baixo custo e proporciona a interatividade com o receptor. Desde sua implantação no Brasil, o rádio tornou-se parte do cotidiano de milhões de brasileiros do campo à cidade. Os ouvintes descobriram, nesse veículo de comunicação um aliado na busca por informação, companhia e divertimento.

Janine Marque Passini Lucht (2010) aborda três modalidades do “fazer” radiojornalístico. A autora destaca que, a partir de cada possibilidade de emissão, existe um cuidado especial com suas implicações. No estúdio, o apresentador precisa estar atento aos sinais da técnica e as informações passadas pelo produtor. No programa gravado, tanto o apresentador quanto o entrevistado estão mais à vontade devido à possibilidade de edição. A terceira modalidade de emissão denomina-se *com participação*. O programa só abrirá para a participação do público se isso for do interesse da produção. Quando há plateia, ela pode interagir, participar de sorteios, responder a questionamentos e opinar. Em outros programas, apenas algumas pessoas são convidadas. O telefone e/ou a internet são caminhos para enviar perguntas ou gravar depoimentos que podem ser incentivados para a participação do ouvinte. No entanto, a produção precisa estar atenta e fazer uma triagem para dosar tanto falas a favor quanto contra o tema discutido no programa. Ela também deve evitar qualquer tipo de censura nas participações (LUCHT In: Melo; Assis, 2010, p. 271-272).

Para Luciano Klöckner (2011), o termo *interativo* no rádio pode ser entendido a partir do ponto de vista do ouvinte e da sua possibilidade de interferência total ou parcial. O autor destaca que a interatividade na comunicação radiofônica é mais efetiva que a *participação*. Klöckner exemplifica: no *interativo* existe um desejo ou uma intenção de interagir em

concentração ao conteúdo debatido, implica a conquista de um lugar; *participação é tomar parte de*, o nome do ouvinte acaba por ser citado em um programa e/ou sua presença anunciada. Desta forma, o autor aponta resumidamente três possibilidades que se aplicam à interação. Os conceitos levam em conta a participação do ouvinte: *completa* é a que possibilita o diálogo direto e ao vivo, em circunstâncias equivalentes de espaço e tempo, com réplicas e trélicas; *parcial* é a que se estabelece igualmente no mesmo espaço e tempo, o ouvinte opina, pergunta, mas não conquista um lugar ou não se interessa pela réplica ou trélica; *reacional* é a que ocorre quando o ouvinte obtém uma resposta como no caso de envio de e-mails e de torpedos à rádio que são apenas lidos no ar. O autor destaca que esse nível facilmente se confunde com a participação. Porém, ele reafirma a necessidade de considerar que são intenção de interagir, senso de oportunidade e atenção ao conteúdo (KLÖCKNER, 2011 , p. 126-127).

Na classificação de John B. Thompson (2002), existem três tipos de interação: *interação face a face; interação mediada; quase interação mediada*. No entanto, o autor afirma que há situações específicas que misturam os três tipos. Para Thompson (2002), o mérito da tríade analítica reside na capacidade de separar os diferentes tipos de interação envolvidas em complexas ações do cotidiano. Além disso, permite analisar as situações com certo rigor e precisão. Cabe salientar que os três tipos não esgotam os possíveis cenários de interação:

Outras formas de interação podem ser criadas, por exemplo, pelo desenvolvimento de novas tecnologias da comunicação que permitem um grau de receptividade. A estrutura analítica acima deve ser entendida como um dispositivo heurístico cujo valor deveria ser julgado por sua utilidade; pode-se deixar aberta a possibilidade de que uma estrutura analítica mais elaborada venha a ser requerida para finalidades específicas. (THOMPSON, 2002, p. 81)

A *interação face a face* acontece num contexto de co-presença, Para Thompson (2002), os participantes, nessa situação, estão imediatamente presentes e partilham um mesmo sistema referencial de espaço e tempo. A interação possui caráter dialógico, o que resulta na possibilidade de usarem-se expressões denotativas e presumir-se que elas sejam são entendidas. Em princípio, os receptores podem responder aos produtores que também são receptores de mensagens que lhes são endereçadas pelos receptores de seus comentários. Outra característica desse tipo *interação* é a possibilidade de os participantes utilizarem deixas simbólicas para transmitir mensagens e também interpretarem as que recebem. As palavras acompanhadas de gestos e de piscadelas são exemplos propostos pelo autor. Os participantes de uma interação *face a face* comparam rotineiramente as várias deixas

simbólicas para reduzir ambiguidades e clarificar a compreensão da mensagem. (THOMPSON, 2002, p. 78).

Interações mediadas implicam o uso de um meio técnico que possibilita a transmissão de informação para indivíduos situados remotamente no espaço, no tempo ou em ambos. Cartas e conversas telefônicas são exemplos que criam o contraste da *interação mediada* com a interação *face a face*. Enquanto a última acontece num contexto de co-presença, os participantes de uma interação mediada podem estar em contextos espaciais ou temporais distintos, já que os participantes não compartilham o mesmo referencial de espaço e de tempo. Como exemplo, a localização e a data no cabeçalho de uma carta ou a identificação inicial em uma conversa telefônica. Sendo assim, a comunicação, por meio de carta priva os participantes de deixas associadas à presença física, enquanto outras são acentuadas. Por outro lado, a comunicação, por meio do telefone, priva os participantes de deixas visuais associadas à interação *face a face*. Cabe salientar que expressões denotativas podem não ser entendidas neste processo, o que obriga os participantes a estarem sempre atentos com as informações contextuais que devem ser incluídas neste intercâmbio. (THOMPSON, 2002, p. 78-79).

A *quase-interação mediada* é entendida como as relações sociais estabelecidas pelos meios de comunicação de massa. Esse terceiro tipo de interação implica uma extensa disponibilidade de informação no espaço e no tempo. Ela pode estar presente em livros, jornais, rádio e televisão. Desta forma, em alguns casos, acaba envolvendo um certo estreitamento do leque de deixas simbólicas, se for comparada à interação *face a face*. Nas *quase-interações mediadas* há dois aspectos-chave que as diferenciam dos outros dois tipos. O primeiro aborda as formas simbólicas produzidas para um número indefinido de receptores potenciais. O segundo ressalta que o fluxo da comunicação é predominantemente de sentido único, o que caracteriza seu caráter monológico. Um exemplo pode ser um leitor de livros que é receptor de uma forma simbólica cujo remetente não exige uma resposta direta e muito menos imediata. Cabe lembrar que os participantes de uma *interação face a face* ou de uma *interação mediada* são orientados para outros específicos em interações dialógicas. (THOMPSON, 2002, p. 79)

O autor reforça o embasamento histórico de sua estrutura e apresenta a importância dela no desenvolvimento dos novos meios de comunicação a partir de meados do século XV. Thompson (2002) afirma que, antes do início do período moderno na Europa, e até recentemente em algumas partes do mundo -, o intercâmbio de informação e conteúdo simbólico era um processo que ocorria exclusivamente dentro de situações contextuais *face a face*. Formas de *interação mediada e quase-interação mediada* existiam, mas eram restritas a

setores relativamente pequenos da população. Participar de *interação* ou *quase-interação mediadas* exigia capacidade de ler ou escrever que era reservada às elites políticas, comerciais e eclesiásticas. Com o surgimento não só da indústria da imprensa, nos séculos XV e XVI, na Europa - e o seu subsequente desenvolvimento em outras partes do mundo – mas também com a emergência de vários tipos de meios eletrônicos nos séculos XIX e XX, a *interação face a face* foi cada vez mais suplementada por formas de *interação e quase interação mediadas*. No entanto, cabe salientar que o surgimento histórico da *interação e quase-interação mediadas* não correu em detrimento da *face a face*. Segundo o autor:

[...] a difusão dos produtos da mídia estimulou as situações de interação face a face – como já vimos, por exemplo, nos livros que eram lidos em voz alta para indivíduos que se reuniam para ouvir o mundo escrito. De fato, muitos livros nos séculos XVI e XVII foram escritos para serem lidos em voz alta: eles eram destinados não só aos olhos, mas também aos ouvidos; eram produzidos com o objetivo de serem descobertos em contextos de interação face a face (THOMPSON, 2002, p. 82).

Com o surgimento da *interação e quase-interação mediadas*, a mistura interativa da vida social mudou. Thompson (2002) destaca que o desenvolvimento gradual de novas formas de recepção e apropriação significam que o mundo moderno está se transformando para formas de interação que perderam seu caráter imediato. O autor salienta, neste cenário, a importância crescente da *interação e da quase-interação mediadas*. Thompson aponta que, cada vez mais, os indivíduos preferem buscar informação e conteúdo simbólico em outras fontes do que nas pessoas com quem interagem diretamente no dia a dia (THOMPSON, 2002, p. 81-82).

A televisão é utilizada por Thompson (2002) como base para sua análise, uma vez que o autor destaca seu caráter de *quase-interação mediada*, sendo ela predominantemente monológica, com um fluxo único de mensagem dos produtores para os receptores. Dessa forma, o público tem relativamente pouca oportunidade de contribuir diretamente para o curso e o conteúdo da *quase-interação*. Há, no entanto, alguns pontos abertos para os receptores. Eles podem telefonar ou escrever às companhias de televisão para manifestar apoio ou repúdio. Além disso, grupos podem ser formados para pressionar planos de programação. Na prática, segundo o autor, essas avenidas de intervenção são usadas por poucos indivíduos. Para a maioria dos receptores, a maneira de intervir nessa quase-interação é deixar de sintonizar a programação (THOMPSON, 2002, p. 89).

Thompson (2002) destaca a assimetria estrutural entre produtores e receptores. Por força do caráter monológico da televisão e da separação dos contextos, a *quase-interação televisiva* é desligada da monitorização reflexiva das respostas alheias que é rotineira e constante na *interação face a face*. Do ponto de vista dos produtores, ela possibilita

determinar o curso e o conteúdo da *quase-interação* sem precisar levar em consideração a resposta do receptor. Os produtores têm mais liberdade do que eles poderiam ter numa *interação face a face*. As respostas dos receptores não afetam diretamente o conteúdo da *quase-interação*, no entanto, a ausência de monitorização reflexiva priva os produtores de um *feedback* contínuo e imediato que lhes permita verificar o grau de recepção e de entendimento das mensagens. Por outro lado, a ausência de monitorização reflexiva significa liberdade aos receptores para determinar o grau de atenção dispensado aos produtores, uma vez que eles não têm obrigação de mostrar sinais de compreensão que são características das *interações mediadas e face a face*. Eles podem responder aos produtores e às suas mensagens de qualquer forma sem interromper a *quase-interação* ou ofender os produtores (THOMPSON, 2002, p. 89-90).

O envolvimento dos indivíduos na *quase-interação televisiva* será descrito por Thompson (2002) como *participação*. O autor reforça que a caracterização é diferente da que ocorre em situações *face a face* em virtude da ausência de monitorização reflexiva das respostas de outros e da assimetria estrutural entre produtores e receptores. Os participantes de uma interação *face a face* controlam rotineiramente as respostas dos outros e fornecem sinais que asseguram a sua participação. Eles podem intervir na conversação e determinar-lhe o curso, mesmo que, na prática, não o façam. A *quase-interação televisiva* carece dessas formas fundamentais de reflexividade e reciprocidade. Thompson (2002) argumenta que nem os produtores nem os receptores se obrigam mutuamente a levar em consideração as respostas do outro (THOMPSON, 2002, p. 90-91).

O desenvolvimento dos meios de comunicação contribuiu para o surgimento de novos tipos de “ação à distância” que se tornaram cada vez mais comuns no mundo moderno. Enquanto, nas antigas sociedades, as ações e as suas consequências eram geralmente restritas aos contextos de interação *face a face*, hoje é corriqueiro perceber os indivíduos orientarem suas ações para outros que não partilham o mesmo ambiente espaço-temporal e com consequências que ultrapassam os limites de seus contextos e localizações. (THOMPSON, 2002, p. 92)

Considerando o desenvolvimento dos meios de comunicação, Thompson (2002) apresenta algumas formas de ação a distância. O primeiro ponto levantado pelo autor é o contexto da produção, segundo o qual produtores orientam o próprio comportamento para os receptores, apesar da não presença física. Conforme o autor, orientação exercida sobre o comportamento é parte constitutiva da ação e pode ser dividida em quatro: *destino receptor, cotidiano mediado, eventos mediados e ação ficcional*. O objetivo do autor está em explorar

os meios pelos quais os indivíduos, situados em relações de *quase-interação mediada*, são capazes de ações direcionadas para outros que estão situados em contextos diferentes.

O primeiro pode ser indireto ou direto e acontece quando os produtores se colocam diante da câmera e falam diretamente para ela. Os espectadores não só têm a impressão de que estão sendo particularmente interpelados, mas também a fala do produtor é um monólogo endereçado para um número indefinido de receptores ausentes. A leitura de notícias é uma forma de destino receptor direto. Entrevistas transmitidas, coletivas, mesas-redondas, painéis de debate, convenções partidárias transmitidas, transmissões de debate parlamentares são exemplos de destino receptor indireto (THOMPSON, 2002, p. 93-96).

A atividade *cotidiana mediada* faz parte do fluxo das atividades ordinárias da vida habitual. Ela também pode ser direta ou indireta. Em resumo, a característica distintiva desse conjunto está na gravação das ações e interações que compõem a vida cotidiana de indivíduos que as realizam ou participam delas. Quando transmitidas para um mundo de receptores, elas podem afetar não somente a natureza da ação e da interação em si mesmas, como também seu rumo subsequente, pois o ato da gravação e divulgação aos espectadores transforma as ações e interações dos indivíduos nos contextos ordinários da vida urbana (THOMPSON, 2002, p. 96-98).

Os *eventos da mídia* são a terceiro tipo de ação à distância. Thompson (2002) afirma que o termo pode ser usado para indicar grandes ocasiões planejadas com antecedência e que são transmitidas ao vivo. Diferente da atividade cotidiana mediada, os eventos da mídia são cuidadosamente planejados e ensaiados. Exemplos de eventos incluem ocasiões nacionais, como os casamentos reais, a tomada de posse de um novo presidente e os funerais de um grande estadista (THOMPSON, 2002, p. 98).

Um quarto tipo de ação a distância é a *ação ficcional*, na qual há uma grande quantidade de produtos da mídia televisiva de caráter ficcional. Nesse caso, ação é a construção de uma história inteiramente inventada e representada por indivíduos. Eles sabem que estão representando e que são percebidos pelos receptores distantes da mesma forma. O que acontece aqui é semelhante à ação que se desenrola em um teatro; no entanto, sem a presença do público (THOMPSON, 2002, p. 99).

O desenvolvimento dos meios de comunicação, além de criar novas formas de ação a distância, contribuiu para o surgimento de novos tipos de *ação responsiva* que acontecem em contextos distantes dos contextos da produção. Thompson (2002) argumenta que a *ação responsiva* é separada de seu caráter dialógico de uma *interação face a face* e desdobrada em

diversas maneiras, o que torna difícil monitorá-la e controlá-la. O resultado é um novo tipo de intermediação mediada que tem consequência de larga escala (THOMPSON, 2002, p. 99).

Os receptores, geralmente, não respondem diretamente aos produtores. As formas de ação que eles utilizam não fazem parte da *quase*-interação. No entanto, as ações e expressões dos produtores geralmente contribuem para outras formas de interação nas quais os receptores participam como, por exemplo, em frente à televisão. Thompson (2002) chama de *elaboração discursiva* quando as mensagens da mídia são elaboradas, comentadas, clarificadas, criticadas e elogiadas pelos receptores que tomam as mensagens recebidas como matéria para discussões ou debates entre eles. Dessa forma, as mensagens da mídia adquirem uma audiência adicional de receptores secundários que não participam diretamente da *quase-interação mediada*, mas que assimilaram alguma versão da mensagem através de *interação face a face* com os receptores principais (THOMPSON, 2002, p. 100).

O autor utiliza o termo *apropriação* para se referir à propagação do processo de recepção das mensagens. Para Thompson (2002), *apropriar é tornar próprio* algo que é alheio ou estranho. Assim sendo, os indivíduos se valem dos próprios conhecimentos de suas habilidades adquiridas e dos recursos que lhes são disponíveis. Estes atributos sociais são elementos substantivos no processo de apropriação que começa com uma recepção inicial das mensagens da mídia, mas se estende muito além dela, envolvendo outros contextos, indivíduos e mensagens (THOMPSON, 2002, p. 101).

A apropriação das mensagens da mídia pode ser vista como um processo contínuo e socialmente diferenciado. Ela vai depender do conteúdo recebido, da elaboração discursiva das mensagens entre os receptores e dos atributos sociais dos indivíduos que as recebem. Para Thompson (2002), a recepção e a apropriação das mensagens da mídia são maneiras de responder aos outros espacialmente e temporalmente distantes. Os receptores respondem de maneiras semelhantes e até coordenadas, tanto por algum aspecto da mensagem, quanto por outra agência que opera dentro dos contextos de recepção. Um exemplo de ação responsiva poderia ser os indivíduos que ouvem na mídia que determinados produtos terão seus preços elevados em alguma data. Os receptores podem responder com o aumento do consumo dos bens antes do prazo, provocando um surto nas vendas. O autor ressalta que os receptores das mensagens da mídia também as compartilham em outros ambientes sociais e que os pontos de vista e as ações dos outros podem influenciar no seu próprio comportamento. A ação responsiva conjunta pode ser o resultado não intencional de uma mensagem da mídia ou ainda de um processo de comentários a respostas à margem da mídia. Uma outra forma de ação que ocorre é quando os indivíduos respondem a dispositivos simbólicos explicitamente planejados

para coordenar a resposta do receptor. Um exemplo citado é o mecanismo de risos ou aplausos pré-gravados em sequências humorísticas na TV. No entanto, o autor salienta que a ação pode ser guiada pela mensagem, mas não pode ser controlada ou determinada por ela (THOMPSON, 2002, p. 102-103).

Ao tornar disponíveis aos indivíduos imagens e informações de acontecimentos que ocorrem em lugares além de seus ambientes sociais, a mídia pode estimular formas de ação coletiva difíceis de controlar com os mecanismos de poder estabelecidos. O fenômeno da ação responsiva concertada reforça o fato de que a mídia não se preocupa apenas em descrever o mundo social. Os meios de comunicação se envolvem ativamente na construção desse mundo, pois ao levar as imagens e as informações para indivíduos situados nos mais longínquos contextos, a mídia modela e influencia o curso dos acontecimentos e desenvolve ações que poderiam não ter existido em sua ausência. Thompson (2002) ressalta que, enquanto qualquer instância particular da *quase-interação mediada* implica um fluxo de informação ou comunicação de sentido único, as reais circunstâncias da vida social e os padrões do fluxo de informação são quase sempre mais complicados. Nas circunstâncias reais, há uma pluralidade de fontes e canais de comunicação em que os indivíduos se encontram na posição simultânea de produtores e receptores (THOMPSON, 2002, p. 105-106).

A mídia faz parte do próprio campo de interação onde diferentes indivíduos e grupos buscam seus objetivos e aspirações. O campo de interação que é constituído pela mídia é diferente de uma situação *face a face* na qual os interlocutores se ocupam em conversas dialógicas. É antes um novo tipo de campo no qual a *interação face a face*, a *interação mediada* e a *quase-interação mediada* entrelaçam-se de formas complexas. É um campo em que os participantes usam meios técnicos à sua disposição para se comunicarem com outros distantes aos quais podem, ou não, dar atenção. Cabe rememorar que os indivíduos planejam sua atividade em parte baseados nas imagens e informações recebidas através da mídia. Há indivíduos que têm mais oportunidades de usar a mídia para vantagem própria do que outros, mais oportunidade de aparecer nas regiões de vanguarda das esferas de produção e de se comunicarem com outros que estão distantes. Nesse sentido, o desenvolvimento da mídia ajudou a criar um mundo em que os campos de interação podem-se tornar globais em escala e em alcance, já que o passo da transformação social pode ser acelerado pela velocidade dos fluxos de informação. Sendo assim, o crescimento dos múltiplos canais de comunicação e informação contribuiu, de maneira decisiva, para a complexidade e imprevisibilidade de um mundo extremamente complexo. Dessa maneira, acaba criando uma variedade de formas de ação a distância em que os indivíduos têm a capacidade de responder, de maneiras

incontroláveis, a ações e eventos que acontecem a distância. Então o desenvolvimento da mídia fez surgir novos tipos de inter-relacionamento e de indeterminação no mundo moderno, fenômenos cujas características e as consequências estão longe de serem entendidas completamente. (THOMPSON, 2002, p.107).

4. PAULO SOLANO E O BOCA NO TROMBONE

O capítulo disserta sobre o objeto de estudo que motivou esta monografia. O trabalho apresenta, em um primeiro momento, uma tentativa de esboço da história do jornalismo de serviço no Rio Grande do Sul, a partir da pesquisa de Ferraretto (2007). Depois, a monografia discorre sobre a vida do jornalista Paulo Solano, seus primeiros contatos com o rádio e a produção e apresentação do programa *Boca no Trombone*, da Rádio Bandeirantes de Porto Alegre.

4.1 A história do jornalismo de serviço no Rio Grande do Sul

Ferraretto (2014) destaca que, no segmento de jornalismo, forma e conteúdo da mensagem no rádio são condicionados de acordo com o público-alvo. O autor exemplifica que uma notícia da área econômica pode ter um tipo de tratamento menos coloquial em determinada emissora, ser traduzida para o leigo em outra ou nem ser transmitida para os ouvintes em uma terceira. A análise mais genérica da audiência considera fatores como a classe social, a faixa etária, o nível de ensino e o gênero. Outros aspectos podem ser avaliados a partir destes pontos e servir à delimitação e compreensão das necessidades dos ouvintes: padrões de consumo, benefícios buscados, estilo de vida, tipo de personalidade etc (FERRARETTO, 2014, p. 36).

Outro ponto a ser considerado é a linguagem radiofônica. Ferraretto (2014) engloba, nesse conceito, o uso da voz humana, da música, dos efeitos sonoros e do silêncio, que atuam isoladamente ou combinados entre si de diversas formas. Cada um dos elementos com características próprias contribui para a elaboração da mensagem. A partir das possibilidades e limitações oferecidas por eles, é que se estabelecem forma e conteúdo (FERRARETTO, 2014, p. 35).

Ferraretto (2014) argumenta que, independente do meio, quem pensa o rádio precisa estar atento a uma série de procedimentos e raciocínios complexos na conformação do que pretende difundir. A programação relaciona os processos de quem produz e de quem recebe o conteúdo. A articulação engloba reflexão, planejamento e acompanhamento. Ele ressalta a necessidade de pensar uma identidade para a emissora e uma estratégia para que esta se reflita na mensagem destinada ao ouvinte. Torna-se uma necessidade que ganha cada vez mais importância com o crescimento da disponibilidade de conteúdos nos mais diversos suportes com os quais o rádio está disputando a atenção do público (FERRARETTO, 2014, p. 39).

Em qualquer uma de suas manifestações comunicacionais, o rádio objetiva criar uma relação de empatia com o público. E a construção da identidade está associada a essa ideia. Ferraretto (2014) compreende que o ato de comunicar pode ser dividido em três concepções:

(1) *gerais* – “faculdade de compreender emocionalmente um objeto”, “capacidade de projetar a personalidade de alguém num objeto, de forma que este pareça como que impregnado dela” e “capacidade de se identificar com outra pessoa, de sentir o que ela sente, de querer o que ela quer, de apreender do modo como ela apreende etc.”; (2) *psicológicas* – “processo de identificação em que o indivíduo se coloca no lugar do outro e, com base em suas próprias suposições ou impressões, tenta compreender o comportamento do outro”; e (3) *sociológicas* – “forma de cognição do eu social mediante três aptidões: para se ver do ponto de vista de outrem, para ver os outros do ponto de vista de outrem ou para ver os outros do ponto de vista d eles mesmos” (FERRARETTO, p. 40, 2014).

No Rio Grande do Sul, os primeiros programas relacionados com a ideia de serviço estão ligados ao chamado rádio popular ou a precursores deste. O segmento está direcionado a ouvintes, em média, das classes C, D e E, com mais de 25 anos e escolaridade inferior à conclusão do Ensino Fundamental, embora isso não possa ser tomado como regra absoluta. O termo rádio popular é empregado por Ferraretto (2007) como uma referência histórica ao fato de as emissoras comerciais terem incorporado essa denominação ao vocabulário do meio a partir de um caráter totalizador e unificante (FERRARETTO, p. 505, 2007).

Cabe salientar que, em estudo mais recente, Ferraretto (2014) compara o segmento popular por vezes com práticas semelhantes ao populismo. O autor detalha que a definição se deve ao fato de o comunicador apresentar-se como representante do povo e defensor de suas causas. A programação simula uma conversa coloquial com o ouvinte nas informações relacionadas à vida pessoal de celebridades, na prestação de serviços e na exploração do noticiário policial (FERRARETTO, p. 50, 2014).

Em 1949, seguindo a linha assistencial, Cândido Norberto Santos cria um programa de rádio no Rio Grande do Sul que pode ser considerado, conforme dados disponíveis, a mais antiga manifestação desse tipo de programa no estado. No mês de outubro, a PRC-2 Rádio – Rádio Sociedade Gaúcha coloca no ar o *Clube da boa vontade*. Conforme Ferraretto (2007), o programa atende a diversas solicitações dos ouvintes, com destaque para a compra de remédios utilizados no combate à tuberculose – em especial, estreptomina -, pedidos de cadeiras de rodas e, até mesmo, de aparelhos radiofônicos para detentos da Casa de Correção. A *Revista do Globo* registra um exemplo do que ocorre na época:

Quanto à radiouvinte não verteu uma lágrima ou meteu a mão no bolso à cata dalgum dinheiro, naquela noite em que dona Esperança esteve diante do microfone da PRC-2. É bem possível que tenham sido muitos, não importa o número. Seguramente, sei de alguns que choraram, todos aqu eles que estiveram com dona Esperança, ao redor do

microfone. A começar pelo grandalhão Adroaldo Guerra, o locutor na ocasião. Guerra fez um apelo tocante. Contou que dona Esperança estava doente há dois anos e tinha três filhos, cujo convívio com ela não era recomendável. Seu marido, aposentado com apenas Cr\$ 800,00 mensais, não podia sustentar mais a família e a doença da mulher. Estava num completo desespero e até sala de casa, sem destino, durante quase um dia.

A reação ao apelo não se fez esperar. Começou quase imediatamente através de telefonemas. Um informava que pagaria a passagem para dona Esperança fazer um repouso em Campos do Jordão. Outro dizia que, no dia seguinte, levaria a sua contribuição. (FERRARETTO, p. 515, 2007).

Em 1967, o programa *Vozes da Cidade* estreia na Rádio Gaúcha e explora o caráter assistencial, com espaço para reclamações da população. Na época, existia um extremo controle sobre tudo o que poderia ser considerado uma crítica ao poder do regime militar e às parcelas da sociedade representadas dentro do governo ditatorial que vigorava no país desde 1964. O apresentador, Cândido Norberto, explora a tecnologia disponível na época para levar ao público gravações de ruídos e de depoimentos de pessoas do cotidiano da capital gaúcha. (FERRARETTO, p. 513, 2007).

Ainda no ano de 1967, Dilamar Machado (In: VOZES DO RÁDIO, [s.d.]) assume o comando do programa *Vozes da Cidade* substituindo Norberto. Conforme o apresentador, o programa “era um espaço democrático para a população expressar, de forma livre, a sua opinião”. Dilamar tornou-se um dos precursores do jornalismo popular em Porto Alegre. Os ouvintes ouviam os apelos e as denúncias do povo que eram realizadas diretamente no programa. As informações eram trazidas pelo repórter Benami Salts, que frequentava áreas pobres de Porto Alegre, ou pelas próprias pessoas que se dirigiam à rádio. (PROJETO VOZES DO RÁDIO, SEM ANO) Conforme Ferraretto (2007), há registros de motoristas de táxis que buscavam voluntariamente doações em residências de bairros de classe média e alta como Bela Vista, Moinhos de Vento e Petrópolis. O auxílio de quem está fornecendo os donativos indica a abrangência desse tipo de programa além das camadas mais baixas da sociedade. (FERRARETTO, p. 513, 2007).

4.2 A vida de Paulo Solano

Paulo Solano é porto-alegrense nascido no dia 11 de setembro de 1940. Em entrevista gravada para o Projeto Vozes do Rádio da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Solano comenta que o interesse pelo rádio surgiu quando ainda era pequeno. Durante a

conversa no estúdio da rádio da Famecos realizada no dia 10 de maio de 2004, ele afirma que o futebol lhe proporcionou o primeiro contato com o meio de comunicação. Solano comenta que, entre 14 e 15 anos, tinha preferência pelo jogo de botão e costumava ir assistir a partidas de futebol com o pai gremista, apesar da predileção pelo Internacional. No dia 1º de junho de 1962, Solano conquista uma vaga de redator esportivo na Rádio Clube Metrópole, localizada na Zona Norte de Porto Alegre. Ele trabalhou durante um ano na emissora onde fez amizade com o jornalista Luiz Carlos de Oliveira. Ambos fizeram uma dupla redigindo e apresentando programas. Na mesma época, Solano afirma que complementava a renda trabalhando no Banco da Província. No entanto, ele confessa que, mesmo com o baixo salário que recebia na Rádio Metrópole, era nela que costumava estar pensando (SOLANO In: VOZES DO RÁDIO, 2004).

Paulo André Fernandes Solano (16 mar. 2018), filho de Paulo Solano, recorda que o pai iniciou a carreira no jornalismo na Rádio Metrópole como pauteiro. Paulo André explica que a função do pai era redigir as pautas para a rádio, função que segue existindo. Depois, Paulo Solano seguiu ampliando seu espectro de atuação e passou também pelo jornal impresso. Ele teve passagens na área de esportes da *Folha da Manhã* e *Folha Esportiva*. Solano afirma que seu pai passou vários anos de sua carreira trabalhando na *Folha Esportiva* (SOLANO, 2018).

Na rotina como funcionário do Banco da Província, Solano conhece Paulo Ramires, amigo de Ari dos Santos, que era responsável pelo departamento de esportes da Rádio Gaúcha. Após deixar a Metrópole, Solano ingressa, no dia 16 de maio de 1963, na emissora como repórter e redator. Conforme Paulo Solano (2004), a equipe da época era formada por José Matzembaker, Ângelo Garbasky, Marco Aurélio, Marcos Amaral, Sérgio Moraes, Antônio Carlos Rezende e Willy Gonzer. Solano reforça que, na época, além de ser o iniciante, era o mais novo de uma equipe que ele considerava de primeira linha. A passagem pela Gaúcha durou até o dia 23 de novembro de 1964. O motivo da saída, segundo Solano, foi a ausência em uma cobertura de um grande prêmio de Turfe que aconteceu no dia 22 de novembro, um dia antes da demissão. Solano estava escalado, mas não compareceu. A sua justificativa para a falta foi: “Não fui porque não quis. É daquelas coisas de jovem. Eu não vou e pronto” (SOLANO, 2004). Na época, o repórter tinha 23 anos e destaca que a rotina de trabalho na empresa foi importante para ele se familiarizar com o rádio esportivo (SOLANO In: VOZES DO RÁDIO, 2004).



Figura 1 – Paulo Solano

(Fonte: Acervo particular da família Solano)

O retorno para uma empresa de comunicação não tardou. Após três meses, Armindo Antônio Ranzolin convidou Paulo Solano para a Rádio Farroupilha. Na emissora, ele trabalhou de 1965 a 1970. A equipe era formada, entre outros, por Ênio Mello e Rui Vergara Corrêa. Em dezembro de 1965, Solano aceitou convite de Paulo Sérgio Corrêa e passou a trabalhar também no Diário de Notícias. Ele argumenta: “Já que eu estava fazendo reportagens para a Rádio Farroupilha, não custava, então” (SOLANO, 2004). Em ambas as empresas, Solano trabalhava com o jornalismo esportivo. No ano de 1965, o jornalista tem a oportunidade de entrevistar Pelé. Solano destaca que vivia um bom momento, e a entrevista aconteceu em um período importante da carreira do jogador:

[...] naquela época, entrevistar o Pelé era uma loucura, “bah, conseguiste falar com o Pelé”. Olha, foi um momento muito importante. Eu me lembro ainda que eu sinto a espontaneidade do Pelé, por isso que eu digo, tem certas pessoas que Deus dá o dom e não lhes tira nada. Esse é o Pelé desde cedo. Ele tinha uma magia, quer dizer, era educado, conversava com todos, afável, e no jogo dava-lhe porrada nos caras. E era bom. Não vi, e nem irei ver, alguém com a mesma capacidade, com a mesma técnica do Pelé e a mesma imposição e força física (SOLANO In: VOZES DO RÁDIO, 2004).



Figura 2 – Paulo Solano entrevista Pelé
(Fonte: Acervo particular da família Solano)

O filho de Paulo Solano (16 mar. 2018) conta que o pai trabalhou por muito tempo como repórter de campo, setorista do Grêmio Futebol Porto-Alegrense e do Cruzeiro de Porto Alegre. Paulo André destaca que a capital gaúcha tinha um campeonato citadino que contava com clubes como Grêmio, Internacional, Cruzeiro, São José e Americano. Paulo André recorda que a cobertura do campeonato, na época, tinha muita repercussão. Depois de cinco anos na Rádio Farroupilha, Solano deixa a emissora. Ele afirma que sua saída acontece quando decide entrar na justiça contra a empresa afirmando que exercia duas funções. Por isso, Solano argumenta que merecia receber duas vezes e não somente um salário. Após sair da Rádio Farroupilha, desempregado na década de 1970, Solano recebe uma proposta da Rádio e TV Difusora e começa a trabalhar em 11 de julho de 1971. A empresa será posteriormente comprada pela Bandeirantes, de São Paulo. (SOLANO In: VOZES DO RÁDIO, 2004).

O filho de Solano (16 mar. 2018) recorda que a primeira etapa da carreira de Paulo Solano, até 1982, está ligada exclusivamente ao jornalismo esportivo. Nesse período, Solano trabalhou na equipe de esportes em todas as funções. Ele foi repórter, apresentador, comentarista, debatedor e até mesmo narrador de algumas partidas. Por fim, a passagem de Paulo Solano pelo esporte resulta no cargo de gerente do setor. A Difusora chegou a transmitir alguns jogos do campeonato gaúcho com exclusividade e Solano esteve presente neles como comentarista e mais raramente como repórter (SOLANO, 2018).

Na TV Difusora, Paulo Solano trabalha como coordenador de esportes e apresentador do programa *Câmera Dez*. O programa de esportes era veiculado no domingo à noite e trazia um rescaldo da rodada do final de semana dos times gaúchos. Paulo André (16 mar. 2018)

destaca que foi um dos primeiros programas que tinha o formato com comentaristas, narradores e repórteres com matérias. Também eram convidados treinadores, dirigentes e jogadores que participavam das transmissões ao vivo nos estúdios da antiga TV Difusora. Na época, Paulo Solano coordenava a equipe que contava com expoentes da crônica esportiva gaúcha como: Paulo Sant'Ana, Laura Quadros, Wianey Carlet, Carlos Alberto Bencke. O programa de TV tinha duas horas de duração e era feito ao vivo. Paulo Solano destaca que o programa era inovador para época porque tratava, de modo local, a área de esportes e tinha altos índices de audiência. A experiência, segundo Paulo Solano, foi importante não só para a carreira, mas também para o desenvolvimento profissional do pai. No ano de 1983, o apresentador Paulo Solano deixa o cargo no esporte para assumir a gerência de Jornalismo Geral de TV e Rádios do Grupo Bandeirantes no Rio Grande do Sul (SOLANO, 2018).

DIFUSORA ENTRA EM CAMPO



Foto tirada de um aparelho de TV, quando Paulo Solano, advogado e jornalista, apresentava um dos bons programas de esportes do Canal Dez.

Quando a amigo telespectador liga o seu aparelho de televisão e dá sua preferência para o Canal 10, principalmente, para os programas de esportes, está prestigiando um colega nosso, que muito tem feito pelo moderno jornalismo aqui da terra. Estamos falando do Paulo Solano, diretor do Departamento de Esportes da Rádio e TV Difusora. Inteligente, capaz e acima de tudo sabe que para um bom programa é preciso o trabalho de equipe.

É neste ponto que a TV Difusora está com tudo e com nota dez para esta equipe, formada por Lauro Quadros, Larry Pinto de Faria, Professor Mendes Ribeiro, Roberto Mouri, Biba Alvarez, Vera Bosak, Roberto Menezes, Mazoni, Adeodato, José Adão, Ricardo, Jairo Chagas, Vera Müller, Ubirajara da Luz, Elói Paiva, Darcy Cruz, Carlos Alberto Benete e a coordenação de Paulo Solano.

São comentaristas, narradores, apresentadores, técnicos, redatores que fazem desta equipe quando entra em campo para informar, uma das melhores da televisão brasileira.

Figura 3 – Divulgação da programação com Paulo Solano

(Fonte: Acervo particular da família Solano)



Figura 4 – Paulo Solano na TV
(Fonte: Acervo particular da família Solano)

Em 1977, Paulo Solano forma-se em Direito e também decide não seguir mais o jornalismo esportivo. Na época, ele encarou a decisão de mudança como uma complementação necessária após a experiência pessoal e profissional acumulada no esporte. Solano destaca, no entanto, que a alteração não foi brusca. O objetivo era seguir na parte do geral em uma vaga de editor ou redator.

Sua passagem pela Difusora vai até 1979 quando ocorre uma reformulação e Solano é novamente demitido, então retorna à Rádio Farroupilha para trabalhar com Flávio Alcaraz Gomes nos noticiários. No entanto, Solano volta, logo depois, para o esporte na TV Difusora, a partir do dia 1º de outubro de 1980 como redator, pauteiro e repórter. Em 1982, Ari dos Santos sai da emissora, e Paulo Solano torna-se coordenador do setor de esportes até deixar o cargo em 28 de dezembro de 1983 (SOLANO In: VOZES DO RÁDIO, 2004).

**NESTE DOMINGO, GRE-NAL
É PELO CANAL 10!**



Paulo Solano
Chefe da equipe

Carlos A. Bencke
Narração

Domingo é dia de graça. Da graça.
Das cores. Do Tricolor de Oberdan.
Do vermelho de Dario.
Do Gre-Nal do povão nas cores
do 10.
De gente que entende.
De emoção.
De calor.
De muita visão. Domingo em
sua casa.
Viva ou reviva, lance por lance de
mais um Gre-Nal.
Com muita cor.
Com a equipe 10 da Difusora.

TV DIFUSORA
canal 10

Figura 5 - Paulo Solano e a equipe de esporte da TV Difusora

(Fonte: Acervo particular da família Solano)

Paulo Pires (18 mai. 2018) trabalha, desde 1979, na Rádio Bandeirantes de Porto Alegre. Ele destaca a época em que Paulo Solano retorna para a gerência de jornalismo esportivo da TV Difusora em 1980. Pires conta que a TV transmitiu duas temporadas do campeonato gaúcho de futebol no início da década de 1980, e Paulo Solano era o narrador. Larry Pinto de Faria trabalhava junto como comentarista das partidas. Paulo Pires conta que, na época, os profissionais não iam aos jogos no interior, e as narrações para a TV Difusora ocorriam via tubo. A dupla da jornada ficava em Porto Alegre e recebia o sinal dos jogos do interior em uma sala dentro da sede da emissora. De lá, ambos narravam e transmitiam, com som e imagem, os confrontos de futebol válidos pelo campeonato gaúcho para o Rio Grande do Sul. Paulo Pires ainda recorda que a rádio Difusora FM não passava os jogos; as primeiras transmissões só foram ocorrer mais tarde em 1985 (PIRES, 2018).

Paulo Pires (18 mai. 2018) lembra que Paulo Solano foi um homem inovador e um profissional dedicado e atencioso com seus afazeres. Pires afirma que Solano era um colorado de coração e destaca uma frase que era dita pelo apresentador “O rádio é a essência da

comunicação. Já a TV é a arte da comunicação”. Pires destaca que Solano tentava passar a mensagem aos profissionais da TV para aprender com o rádio a improvisar (PIRES, 2018).

Paulo André (16 mar. 2018) lembra uma peculiaridade do pai. Apesar de ser colorado, Solano nunca declinou a sua identidade com o Sport Club Internacional. O filho lembra que, em muitas transmissões, o pai até direcionava uma tendência para o Grêmio. A atitude, conforme Paulo André, muitas vezes causou revolta por parte da audiência que o acusava de ser torcedor do tricolor gaúcho. Solano lembra que o pai achava muito engraçado os comentários principalmente de um colorado ter fama de gremista (SOLANO, 2018).

Paulo Solano fica de 1983 a 1993 como gerente de Jornalismo de TV e Rádios do Grupo Bandeirantes no Rio Grande do Sul. Ele segue trabalhando na TV Bandeirantes até 13 de setembro de 1999. Solano destaca que, todas as manhãs, precisava fechar demandas com a sede em São Paulo. O período da tarde era reservado à produção das matérias locais e ao gerenciamento das equipes de jornalismo. Neste mesmo período, Solano apresentava um programa diário - na manhã da Rádio Difusora, entre 8 e 10 horas - chamado *Paralelo 30*. O nome remetia ao paralelo em que se encontra a cidade de Porto Alegre conforme o meridiano de Greenwich. O filho de Paulo Solano (16 mar. 2018) conta que o programa era de jornalismo geral e contava com notícias e debates sobre os temas da cidade, com a participação de convidados e da reportagem. Paulo André destaca que durante as duas horas de programa, o objetivo era anunciar o dia que estava se encaminhando para os gaúchos. O programa ficou no ar de 1983 a 1993. Já, na TV Bandeirantes, Paulo Solano dirigia o *Jornal do Rio Grande*. O filho de Solano lembra que o programa segue os moldes dos noticiários tradicionais de TV com a retomada dos acontecimentos do dia e com a projeção dos fatos. No jornal, Paulo Solano não era o apresentador e participava com um comentário durante a transmissão. Ele trazia sempre uma análise do factual relacionado ao tema da política ou da economia (SOLANO, 2018).

Neste período, Paulo Solano (2004) destaca dois momentos da carreira que marcaram a sua vida. A primeira foi a cobertura das *Diretas Já*, quando se abria a expectativa do retorno da democracia no país através do voto direto para cargo de Presidente da República. Durante o movimento, Solano estava na Rádio Difusora e destaca que emissora paulista exigia que a praça no Rio Grande do Sul contribuísse com material das manifestações de jovens em Porto Alegre. O segundo evento foi o falecimento de Elis Regina. Na época, Solano trabalhava na TV Difusora e conhecia a cantora quando trabalhou na Rádio Gaúcha em 1962. Solano destaca que aquele ano foi o último em que Elis Regina esteve no Rio Grande do Sul. Outra cobertura lembrada por Paulo Solano foi, na área esportiva gaúcha em 1975, a conquista do

campeonato brasileiro pelo Internacional sobre o Cruzeiro. Foi o primeiro título nacional de um clube do Rio Grande do Sul (SOLANO In: VOZES DO RÁDIO, 2004).

Produtora no programa *Paralelo 30* de segunda a sexta-feira pelas manhãs da Rádio Bandeirantes, Marcia Charão foi produtora da emissora de 1993 a 1996. Ela afirma que o programa tratava principalmente de política e economia. Charão (18 mai. 2018) conta que o programa entrava sempre com entrevistas no estúdio ou via telefone. Ela narra que normalmente a produção pautava o programa tentando repercutir o que estava em voga nos jornais. O *Paralelo 30* iniciava às 8h e trazia assuntos que seriam destaque do dia, por isso ela recorda que a produção precisava estar com o roteiro pronto na noite anterior. Por vezes, algo acontecia durante a manhã, então era preciso mudar o programa e colocar alguém por telefone. Marcia conta que:

A gente sempre tinha uma pessoa junto com o Dr. Solano, debatendo com ele. Quando acontecia algum fato e não estava no roteiro, o apresentador dava um jeito de puxar o assunto para o que interessava enquanto eu era a produtora e tentava colocar alguém por telefone para conversarem com os dois (CHARÃO, 2018).

Na avaliação de Márcia Charão (18 mai. 2018), o programa de jornalismo do Solano era bom porque era dinâmico. Ela elogia a inteligência do apresentador, que procurava não somente desenvolver boas pautas como também trazer assuntos interessantes para o programa. Charão recorda, também, que Paulo Solano era uma pessoa animada e “parceira” sempre disposta a fazer as pautas sugeridas pela produção; também sempre tinha boas sugestões de fonte para tratar dos mais diversos assuntos. O programa passou por uma reformulação em outubro de 1995 junto com toda a programação. O *Paralelo 30*, neste processo, deixou de existir, e Solano ficou exclusivamente apresentando o *Boca no Trombone* (CHARÃO, 2018).

A partir do ano de 1993, ocorrem mudanças na direção do Grupo Bandeirantes no Rio Grande do Sul, e Paulo Solano deixa a função de gerente. Apesar das alterações, Solano segue na apresentação de programas na Rádio Bandeirantes. Na TV, ele deixa de dirigir o *Jornal do Rio Grande*, e o programa também sofre alterações e passando a chamar-se *Rede Cidade*. No início, Bira Valdez e Lúcia Mattos apresentavam o programa. Conforme Paulo André (16 mar. 2018), o pai segue com um comentário durante a transmissão. Posteriormente, uma nova alteração no programa oferece um espaço de interatividade com o telespectador. Solano explica que o *Rede Cidade* era ao vivo, e passou a ter um telefone na bancada. Durante a transmissão, Paulo Solano interagia com o público previamente selecionado pela produção e atendia às demandas da população. Solano exemplifica: “Se dona Maria liga reclamando de falta de água no bairro Cristal em Porto Alegre, Solano entrava em contato com o DMAE para

reportar o problema e pedir informações de quando o abastecimento seria normalizado” (SOLANO, 2018).



Figura 6 – Paulo Solano e o *Rede Cidade*
(Fonte: Acervo particular da família Solano)

Solano destaca que apareciam demandas das mais diferentes origens, como falta de luz, direitos do consumidor ou questões relacionadas ao poder judiciário. Paulo Solano (2004) destaca:

Então, no Rede Cidade o Bira Valdez me colocou como ouvidor, para resolver os problemas. Então, “na minha rua tem isso e isso”, então o pessoal ia lá, filmava e “olha Prefeitura, alguém tem que tomar providência, não é, isso aqui é caso da Secretaria de Obras, olha o estacionamento, o que está ocorrendo, por que não tem o policiamento necessário”, e aquilo foi pegando. De vez em quando a gente até brincava, “ah, tem um problema do condomínio”, então, problema do condomínio a senhora vá resolver, não sou eu que vou resolver. “não, mas eu vou lhe dizer como a senhora pode resolver isso”. Então, foi meu último trabalho na televisão, foi essa questão do ouvidor (SOLANO In: VOZES DO RÁDIO, 2004).



Figura 7 – Paulo Solano e o *Rede Cidade*
(Fonte: Acervo particular da família Solano)

A participação de Paulo Solano no *Rede Cidade* vai até 1999. Depois, o programa sofre alterações e passa a se chamar *Band Cidade* com outro formato. Nesta época, Paulo Solano (2004) afirma que exercia pouco a advocacia. Segundo Solano, a necessidade após estar formado era conseguir pagar as contas, por isso ele trabalhava com o direito esporadicamente. De 1999 até o seu falecimento em 2005, Paulo Solano eventualmente realizava algumas participações em programas da casa. Neste período, ele esteve à frente exclusivamente do programa de rádio *Boca no Trombone*, que teve início em 1989. Solano (2004) explica a origem do projeto que comandava:

[...] surgiu primeiro pelo fato de que nas minhas idas e vindas pelo rádio eu sempre mandava bronca no governo. Porque coisa melhor que existe é um governo estar trabalhando e a gente tocando crítica neles. Porque na realidade ninguém vai conseguir fazer tudo o que se quer, mas algumas vezes os governos prometem e não cumprem, não é?! (SOLANO In: VOZES DO RÁDIO, 2004).

O apresentador destaca que o Programa *Boca no Trombone* tinha 12 anos em 2004. O foco nos programas estava relacionado com a defesa dos direitos dos aposentados e dos pensionistas. A partir de 1999, Paulo Solano trabalha apenas no *Boca no Trombone*. Antes, o apresentador ancorava outros dois programas da Rádio Bandeirantes: o *Ciranda da Cidade*, durante à tarde; e o *Jornal da Noite*. Solano explica o programa *Ciranda da Cidade* como um

programa de debate que discutia os problemas das cidades da Região Metropolitana da capital gaúcha. Solano recorda que:

Volta e meia tinha pedido de resposta. Outras vezes os vereadores queriam “não, eu quero falar”, vai falar, mas às vezes é a forma como a pessoa se comunica. No telefone havia um produtor, “o cara disse que tem que falar”, não vai falar, e aí vinha pedido de resposta. Tudo bem, com educação a gente vai até o fim do mundo, agora, o sujeito entrar com “olha, eu quero falar”, não, comigo não vai falar. Tem direito? Tem direito, então olha, tudo bem. E o espaço não pode ser, olha vai falar agora, imediatamente, porque no rádio tu tens compromisso. Para fazer uma programação, por exemplo, vai, chama as pessoas e as pessoas que lá estão, os convidados, eles deixaram de suas atividades para conversar contigo. Então, o sujeito chegou lá, “eu quero falar agora”, não espera para falar (SOLANO In: VOZES DO RÁDIO, 2004).

José Carlos Roque (15 mai. 2018), jornalista da Rádio Bandeirantes, lembra que, quando foi contratado pela emissora, seu tio destacou que ele iria trabalhar na mesma empresa em que estava Paulo Solano. Roque afirma que, ao chegar à empresa, já tomara conhecimento de quem era o jornalista e afirma que Solano tinha a fama de ajudar as pessoas. José Carlos conta que chegou à Rádio Bandeirantes em 1997 e estava no setor de esportes. Na época, Solano já estava exclusivamente na redação de jornalismo da emissora. Roque ressalta o caráter e o profissionalismo de Paulo Solano e destaca que eram amigos e conversavam muito no corredor. Ele ainda conta que realizou algumas consultas jurídicas informais com o apresentador, além de discutir a situação do Sport Club Internacional. José Carlos Roque conta que o perfil de Paulo Solano era tranquilo e sempre muito atencioso com as pessoas e atento às notícias do dia (ROQUE, 2018).

No ingresso na Rádio Bandeirantes, em 1997, Roque (15 mai. 2018) lembra que produzia o programa *Band Esporte Show* que entrava no ar à noite de segunda a sexta-feira. O programa antecedia o *Jornal de Amanhã*, que era apresentado por Solano. José Carlos Roque conta que o programa tinha uma hora de duração e fazia uma resenha do que havia acontecido de mais importante no dia, com destaques e matérias. Às vezes, no programa, havia entrevistas, principalmente quando algum fato ocorria à noite; também tinha como objetivo ampliar a discussão sobre determinado fato. No entanto, devido à fama de Paulo Solano, o programa da noite contava com pílulas do *Boca no Trombone*. Roque conta que não foram poucas as vezes em que ouvintes que acompanhavam o *Jornal de Amanhã* entravam em contato por telefone pedindo-lhe consultoria jurídica para questões de previdência, principalmente as relacionadas à aposentadoria. Roque destaca que Solano sempre respondeu ao vivo, dentro do *Jornal de Amanhã*, a quem entrava em contato com dúvidas sobre como proceder nos processos. Roque afirma que, diferente do *Boca no Trombone*, era o apresentador que pessoalmente respondia às dúvidas dos ouvintes. José Carlos conta que ele

sempre foi solícito e ficou feliz quando conheceu Paulo Solano porque costumava ouvir o apresentador (ROQUE, 2018).

Roque (15 mai. 2018) lembra que trabalhou algumas vezes com Paulo Solano no *Boca no Trombone*. No entanto, eram situações esporádicas e ocorriam quando o produtor titular não podia vir. Em 2004, Roque saiu da área de esportes e começou a trabalhar no jornalismo da Rádio Bandeirantes. Ele afirma que, na troca, acabou ficando mais próximo de Paulo Solano e chegou a produzir constantemente o programa até seu falecimento em 2005. José Carlos ainda afirma que produziu, por um curto período, o filho do apresentador. Apesar do falecimento, Roque recorda que o programa não ficou fora do ar por muito tempo e logo o filho ficou na ancoragem do *Boca no Trombone* (ROQUE, 2018).

Solano (2004) ressalta que teve muito prazer em ocupar um cargo de chefia no Grupo Bandeirantes de Comunicação. O apresentador salienta que o jornalismo traz à pessoa uma gama muito grande de conhecimentos. Ele lembra que a rotina agitada da profissão não disponibiliza tempo para refletir, por isso, segundo Solano, não se percebe a evolução alcançada pelo trabalho diário. “É uma atividade que tu estás conversando com a pessoa, com um profissional, com um médico, um político, alguma coisa ele vai traduzir as explicações técnicas” (SOLANO, 2004). Paulo Solano afirma que estava feliz no jornalismo porque se sentia útil à sociedade e sentia que tinha um desenvolvimento pessoal muito grande no dia a dia. (SOLANO In: VOZES DO RÁDIO, 2004).

Paulo Solano destaca que, desde muito cedo, gostava do jornalismo. Ele recorda que seu ingresso no rádio foi devido à sua paixão pelo futebol. O apresentador conta, em 2004, que sentia saudade de trabalhar no jornalismo esportivo, mas acredita que a vida é feita de etapas que vão sendo superadas. Ele ressalta que a vivência no setor lhe trouxe espontaneidade aos diálogos e familiaridade para conversar com as pessoas. Em 2004, Solano afirmava que não tinha o interesse de retornar ao segmento porque acreditava que o repórter esportivo precisava ser jovem e ágil. Paulo Solano destaca que decidiu seguir um jornalismo geral para atender às pessoas, porque acreditava na função social da profissão para atender àqueles mais necessitados (SOLANO In: VOZES DO RÁDIO, 2004).

Paulo Solano (2004) afirma que o rádio representa tudo na vida dele. Foi através do meio de comunicação que ele pôde se comunicar com as pessoas. Solano lembra que, devido ao rádio, teve o impulso de entrar na faculdade e de ser advogado. O apresentador conta que tem o hábito matutino de levantar e ligar o rádio para acompanhar os noticiários e saber o que está acontecendo. Ele ressalta a importância do meio de comunicação na vida dele e enfatiza que as pessoas deveriam dar-lhe mais valor. Através do rádio, Solano se mantém informado

sobre os assuntos do dia, principalmente sobre a política brasileira, para discutir e refletir as informações com os amigos e pensar sobre os rumos do país. (SOLANO In: VOZES DO RÁDIO, 2004).

Marcia Charão (18 mai. 2018) relata que Paulo Solano conseguia transitar por todo o espectro político, sem problemas. Ela considera que a reputação do apresentador com os ouvintes e o respeito com que Solano tratava as pessoas eram atributos que lhe garantiam tal posição. Charão ainda recorda que, em hipótese alguma, o apresentador deixava de atender alguém que tivesse feito um pedido a ele. Marcia Charão ainda relata duas situações em que contou com a ajuda de Paulo Solano fora da rádio. A primeira ocorreu quando ela trabalhava no turno da manhã na Rádio Bandeirantes e à tarde estava em casa. Para conseguir os entrevistados, Charão precisava usar o telefone para entrar em contato. No entanto, a produtora recém tinha trocado de residência e não conseguia realizar a troca de endereço do telefone. Ela conta que comentou, em uma manhã, com Solano, sua dificuldade e o receio de não conseguir suprir as demandas sem a instalação do aparelho. À tarde, o carro da empresa de telefonia já estava estacionado na frente da casa dela; e o telefone, funcionando. O outro acontecimento deu-se quando um cano estourou na frente da casa. Marcia Charão relata que água tratada estava sendo jogada fora durante todo um final de semana. Ela argumenta que fez inúmeras ligações no sábado e no domingo, porém nada aconteceu para solucionar o problema. Na segunda-feira, Charão contou para Solano sobre a ocorrência. No turno da tarde, um caminhão do DMAE chegou para arrumar o problema. Ela relata ainda que o próprio diretor da estatal entrou em contato com ela para saber se o serviço havia sido bem feito. Charão conta que esse era o perfil de Solano. Ela ainda destaca o apresentador como um homem honesto, parceiro dos colegas de trabalho e sempre disponível para ajudar as pessoas e contribuir, de alguma forma, para que tudo desse certo (CHARÃO, 2018).

4.3 O Boca no Trombone e sua história

Paulo Solano (2004) destaca que o cidadão aposentado acompanha o rádio e quer saber o que está acontecendo no mundo. O apresentador ressalta que essa necessidade pela informação também acontece no sábado pela manhã, horário do *Boca no Trombone*. Solano destaca que, além da defesa da previdência social, o programa era voltado para a cultura e a informação. Dessa forma, o programa transmitia comentários e manchetes enquanto estava no ar. Solano lembra que buscava trabalhar pelo interesse dos aposentados. A intenção é que eles

pudessem ganhar um pouco mais. Para alcançar o objetivo, o apresentador conta que não estava sozinho no programa:

[...] no Boca no Trombone eu levo o Ney Lopes, que é um advogado, que trabalhou no INSS, como funcionário do INSS durante 40 anos, quer dizer, tem uma bagagem muito grande. Então, os ouvintes ligam e, “ó, o que eu posso fazer?”. Então, a gente, dentro das possibilidades, a gente diz “olha, a situação é mais ou menos essa, procure um advogado, faça isso, aquilo”. As pessoas acham, às vezes, que isso é muito fácil, porque “ah, o senhor disse para um vizinho e o meu caso é mais ou menos a mesma coisa”. Não é a mesma coisa, só que no seu caso talvez a senhora não tenha trabalhado tantos anos, não tenha tido problema de doença, quer dizer, cada caso tem que se dar uma resposta, uma atenção. E os aposentados têm uma ânsia muito grande, ou seja, de que os seus problemas sejam resolvidos. (SOLANO In: VOZES DO RÁDIO, 2004).



Figura 8 – Paulo Solano apresenta *Boca no Trombone*

(Fonte: Acervo particular da família Solano)

Solano afirma que o papel do jornalismo é muito importante na sociedade. Ele critica os governos e as oposições pelo discurso fácil, enquanto o povo passa dificuldades. Dessa forma, o apresentador ressalta que cabe ao jornalista, com muita responsabilidade, apontar para os erros da gestão. Apontar para aquilo que poderia ser feito e não está acontecendo. Solano conclui que

[...] os governos, por muitos e muitos anos às vezes maltratam os jornalistas por essa razão, são pessoas que tem a possibilidade, de uma certa forma, de traduzir os anseios do povo, da população e o rádio serve para isso. A televisão serve muito, mas no meu entendimento a televisão, há muito tempo, o governo em parte a domina porque tem as grandes contas do mercado (SOLANO In: VOZES DO RÁDIO, 2004).

Edson Marchiori de Araújo (16 mai. 2018) relata que viu o projeto *Boca no Trombone* nascer. Araújo foi gerente de programação da estação Band FM no período de 1985 a 1996 e diretor de programação da Band AM entre 1986 e 1992. Ele aborda o desafio de criar uma programação atrativa para o ouvinte. Araújo comenta que os principais problemas da época

eram a falta de recursos e as dificuldades criativas para construir uma grade diferente das outras rádios do estado. Ele destaca que era impressionante como as pautas se repetiam entre as emissoras anos após ano e critica a acomodação dos profissionais da produção em aceitar pautas pré-fabricadas. Neste cenário, Edson Araújo aponta que ninguém se dedicava a ouvir os problemas no Instituto Nacional do Seguro Social (INSS). Dessa forma, ele decide sugerir que algum programa aborde o tema e passe a explorar um nicho que não era ouvido pelos meios de comunicação. E o alvo para apresentar este projeto era o Dr. Paulo Solano (ARAÚJO, 2018).

Edson Araújo (16 mai. 2018) afirma que ficou um mês discutindo com Paulo Solano uma forma de ele aceitar a apresentar o programa na Rádio Bandeirantes. Araújo lembra que Solano queria ficar na TV, no entanto a principal dúvida do apresentador era saber como o programa teria prosseguimento sem dinheiro. Araújo confessa que insistiu em fazer o programa, apesar de admitir que não havia recursos para investir no projeto. No entanto, ele acreditava que o programa traria algum retorno financeiro a longo prazo para o apresentador. Assim, ele passa a insistir com Paulo Solano até garantir a confiança do apresentador de estar à frente de um programa sem patrocinadores nem recursos para competir com outras emissoras do Rio Grande do Sul. Na época, Solano ainda estava trabalhando na TV, o que foi outro obstáculo para Edson Araújo superar e convencer o profissional a participar de mais um programa na Rádio Difusora. (ARAÚJO, 2018)

Em um determinado momento, Edson Araújo (16 mai. 2018) confessa que pensou em desistir em razão da dificuldade de convencer Paulo Solano. Ele recorda que o apresentador era diretor de jornalismo da TV e da Rádio Difusora no Rio Grande do Sul e não tinha tempo. Araújo conta que Solano trabalhava o dia todo, acompanhando o que acontecia dentro da emissora e o que a concorrência estava produzindo. Além disso, Solano precisava estar atento para encaminhar informações e material para a Bandeirantes de São Paulo. Araújo destaca:

Solano precisava fazer um monte de coisa e ainda reservar um tempo na vida para fazer um programa de rádio. E me dizia “Você está maluco! Você está doido!” Ele me perguntava o que eu ia pagar e eu dizia “nada”. Ele me perguntava se era verdade e eu dizia “que não tinha nada”. E respondia “Poxa, trabalhar sábado sem ganhar nada?” Mas, o cara transformou o limão em uma limonada (ARAÚJO, 2018)

Araújo (16 mai. 2018) ainda recorda que, olhando a programação das concorrentes, ele decidiu que a rádio precisava botar um programa para falar de aposentados: E então decidiu colocá-lo no sábado de manhã:

Eu nunca entrei em detalhes sobre o que deveria ter ou não. Mas eu queria um programa que falasse com os aposentados. A forma do programa e suas nuances, quem vestiu mesmo o projeto e construiu a toda a ideia foi o Paulo Solano (ARAÚJO, 2018).

Paulo Solano era formado em Direito e exercia a advocacia. Araújo acredita que o conhecimento na área contribuiu para que Solano aceitasse apresentar o programa. Ele reconhece que, apesar do conhecimento, era uma empreitada nova e com um cenário muito difícil de prever. Araújo confessa que, nessas situações, é muito fácil embarcar em um projeto e acabar não dando certo. (ARAÚJO, 2018)

Araújo (16 mai. 2018) comenta que era muito difícil realizar qualquer planejamento devido ao baixo faturamento e às constantes mudanças na direção da empresa. Ele também brincava que o programa poderia ser uma ótima oportunidade para Paulo Solano tornar-se uma personagem da política brasileira. Na parte comercial, Araújo relata que também teve dificuldades para conseguir patrocinadores devido à proposta e ao público-alvo do programa. Além disso, existia a incerteza quanto ao interesse dos ouvintes de entrarem em contato para resolver as suas dúvidas. Ambos concordaram que sabiam como o programa começava, mas não tinham ideia de onde ele terminaria. No entanto, ambos concordaram em assumir o desafio. Araújo destaca que, depois de um tempo, Solano já tinha grandes ambições para o *Boca no Trombone* e sempre estava trabalhando para apresentar novidades (ARAÚJO, 2018).

Paulo André (16 mar. 2018), filho de Paulo Solano, afirma que o *Boca no Trombone* teve início em 1989. O programa da Rádio Bandeirantes fazia parte de uma revista chamada *Jornal de Sábado*. Na época, Paulo Solano apresentava o programa das 9h às 12h, todos os sábados. Durante as quatro horas de programa, quatro blocos com diferentes temas eram abordados pelo apresentador Paulo Solano. Na primeira uma hora, eram apresentadas as notícias do dia. O apresentador trazia uma compilação dos principais fatos ocorridos na semana, as notícias do sábado e, por fim, fazia uma projeção dos fatos para os próximos dias. Paulo André (16 mar. 2018) destaca que este era o momento para o ouvinte ficar informado (SOLANO, 2018).

Entre 9h e 10h, era hora do *Espaço dos Aposentados*. Paulo André (16 mar. 2018) destaca que, durante uma hora, eram abordados temas vinculados aos interesses dos pensionistas, dos aposentados e dos servidores públicos. Representantes de classe e advogados eram convidados a participar e a resolver dúvidas de ouvintes que entravam em contato via telefone ou carta. Solano destaca que a ideia do seu pai sempre foi abordar o tema da previdência e dos direitos dos trabalhadores. Também havia a oportunidade de os interessados darem entrada ao pedido de aposentadoria, de entrarem em contato com a produção para entrar no ar e elucidarem suas dúvidas com os especialistas convidados. O

bloco, segundo o filho de Paulo Solano, é o embrião do que vai ser conhecido como o programa *Boca no Trombone* (SOLANO, 2018).

Depois, o programa de 10h às 11h era chamado de *Conversa com o Prefeito*. Paulo André (16 mar. 2018) conta que o espaço era disponibilizado para o chefe do executivo de Porto Alegre. Na época dos primeiros programas, Olívio Dutra (1989-1992) participava da transmissão na sede da Rádio Bandeirantes. Ele conversava com Paulo Solano e realizava uma prestação de contas da prefeitura, informava os serviços que estavam sendo prestados em Porto Alegre e apresentava aos ouvintes os problemas por que a prefeitura passava. Além disso, o chefe do executivo municipal da capital gaúcha respondia aos questionamentos do apresentador e, principalmente, dos ouvintes (SOLANO, 2018).

No último bloco, entre 11h e 12h, ocorria o *Debate Final*. Ao longo de uma hora, personalidades do mundo político e social eram convidados a participar de uma mesa redonda onde os integrantes discutiam temas do momento. Os assuntos e os convidados eram previamente convidados a comparecer no sábado pela manhã, na Rádio Bandeirantes de Porto Alegre (SOLANO, 2018).

Segundo Paulo André (16 mar. 2018), são oito anos de *Problemas dos Aposentados* neste formato. Na virada de 1995 para 1996, o programa passa a se chamar *Boca no Trombone*, entrando no ar mais cedo, entre 8h e 9h. O *Jornal de Sábado* segue no restante da manhã, apresentando blocos de noticiário e entrevistas nos demais horários da manhã de sábado. Paulo André (16 mar. 2018) ressalta que, além da alteração na grade da Rádio Bandeirantes de Porto Alegre, o programa muda de ritmo. A partir de agora, o *Boca no Trombone* passa a ter uma maior interlocução com os poderes executivo e legislativo, algumas vezes até com o judiciário. Esse novo momento, conforme exemplifica o filho de Paulo Solano, é marcado pelo convite e pela presença de deputados ou senadores para interagir com os ouvintes e com os representantes de classe que participavam do programa. Paulo André exalta a intenção do programa de criar mais um canal de comunicação com os representantes dos governos para a população fazer cobranças e partilhar as suas ideias:

O programa foi tendo alterações, mas sempre mantendo a interatividade do ouvinte. O *Boca no Trombone* foi um dos pioneiros. Certamente no estado foi o primeiro a oportunizar esse pergunta e resposta do ouvinte. Isso não havia até então e continua até hoje. Em setembro de 2018 são 29 anos e a interatividade é a marca registrada. É o carimbo do *Boca no Trombone*. Já nessa segunda etapa com o novo nome. Trazendo especialistas em previdência. Matéria que ganhou muita força nos últimos anos. Anteriormente se respondia outras dúvidas, sobre direito do trabalho e questões cíveis por exemplo. Agora já com o formato *Boca no Trombone*, passou a ser exclusivo perguntas sobre previdência. Seja do funcionalismo público, seja do regime geral o INSS. (SOLANO, 2018)

Apesar do espaço disponibilizado para entrevistas com políticos, o programa segue realizando a consulta técnica de serviços jurídicos aos ouvintes.

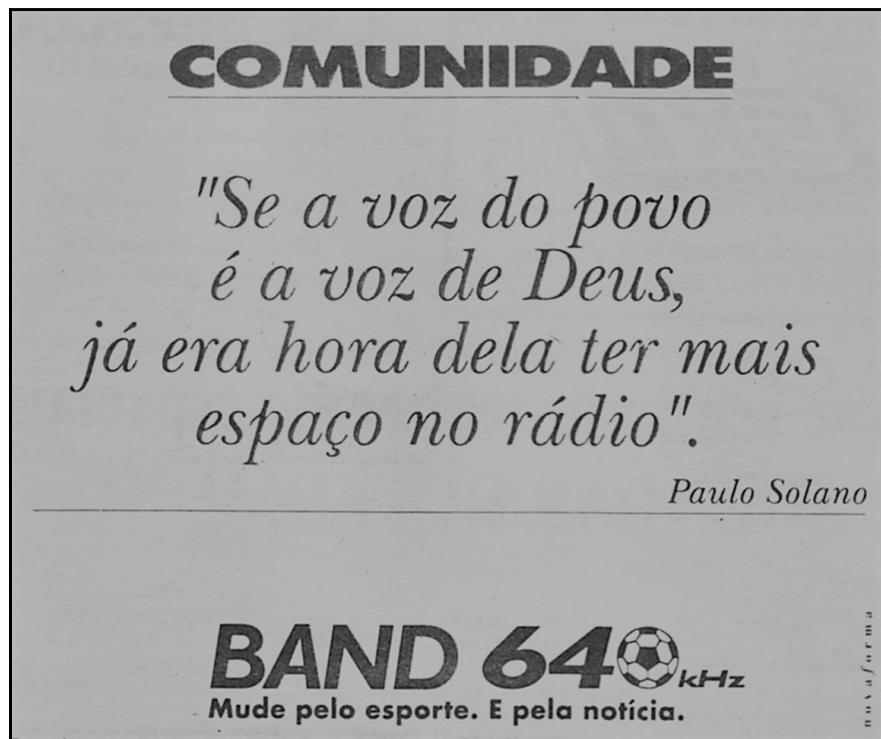


Figura 9 - Paulo Solano

(Fonte: Acervo particular da família Solano)

Uma questão que Edson Araújo (16 mai. 2018) ressalta é a prestação de serviço que o programa realiza à população. Ele lembra que chamava atenção a grande quantidade de ligações que recebiam no sábado pela manhã. Araújo ainda lamenta que exista uma grande população de pessoas desassistidas no país:

Era enlouquecedor o momento em que o Solano afirmava que o telefone estava disponível para os ouvintes entrarem em contato. O telefone não parava um minuto. Infelizmente, tem muita gente desassistida na hora de encaminhar necessidades junto ao INSS que era o alvo do programa. As pessoas não têm informação e muitas vezes eram mal orientadas pelos advogados. (SOLANO, 2018).

Araújo (16 mai. 2018) destaca que Solano trabalhou muito bem no começo do programa, apesar de todas as dificuldades. Com isso, o apresentador acabou ganhando alguns inimigos. Edson Araújo recorda que advogados ligavam indignados para a Rádio Bandeirantes. Eles reclamavam que o programa falava mal do serviço prestado pela categoria. No entanto, Araújo justifica: “Os clientes cobravam algumas incoerências dos seus advogados. Existiam muitos advogados bandidos que roubavam os clientes” (ARAÚJO,

2018). Ele ainda afirma que, nessas situações, era muito difícil fornecer alguma orientação ao ouvinte. Porém, Solano nunca deixou de prestar o serviço e sempre ajudava com alguma informação:

O cara entregou para um advogado encaminhar a aposentadoria e o profissional “meteu a mão”. Ele roubou do cara. Isso é uma faca de dois gumes. Se você deixa a história andar no ar vai virar uma situação muito difícil para a emissora. Pode até rolar processo. E depois é complicado desfazer e perceber que a situação era ou não era aquilo. Quando o ouvinte começava a narrar a situação e o caso era muito mais sério do que aparentava, Solano percebia rapidamente e ajudava o ouvinte. Não aparecia, mas o Solano ficava louco quando isso acontecia. Era normal, advogado metendo a mão no dinheiro de cliente e aí você não pode entrar nessas histórias porque nós íamos tomar processo de tudo que é lado. Não podemos entrar na hora que o ouvinte fala que o advogado meteu a mão. Tinha que primeiro tirar o corpo fora e avisar que não era conosco. A gente prefere não entrar nessa questão, mas sempre recomendava para o ouvinte que fosse até a OAB denunciar. Tinha que dar o caminho para o cara. O programa, desde aquela época, nunca deixou de orientar ninguém (ARAÚJO, 2018).

Edson Araújo (16 mai. 2018) revela que teve muita dificuldade para conseguir se aposentar. Em consequência disso, ele fica imaginando que muita gente no Brasil não tem advogado e acaba caindo no papo de algum mal profissional. Por isso, Araújo afirma que o programa presta um serviço essencial de orientação à população (ARAÚJO, 2018).

Araújo (16 mai. 2018) ainda relembra que havia um “muro de proteção” contra o programa dentro do INSS. Ele conta que o fato acabou sendo conhecido por parte da produção muito tempo depois. Os funcionários do órgão dificultavam algumas situações, quando se trata de pessoas que haviam recebido orientação do *Boca no Trombone*. No entanto, Edson Araújo lembra que Paulo Solano também conseguiu funcionários dentro do INSS que se tornaram verdadeiros parceiros do programa (ARAÚJO, 2018).

Na época, Edson Araújo (16 mai. 2018) conta que o máximo que o jornalismo fazia em relação à previdência era botar ocasionalmente alguma pauta. Difícilmente, em algum programa, o tema era a pauta do dia. Araújo lembra que o principal desafio do *Boca no Trombone* era manter a pauta em todos os programas. Todos os sábados, Solano vai abrir falando de previdência e ele vai abrir a linha de telefone para os ouvintes apresentarem suas dúvidas. Araújo ressalta que, independente do tema, sempre tinha alguém que entrava em contato e buscava alguma orientação com os advogados convidados (ARAÚJO, 2018).

O programa *Boca no Trombone* também foi uma ponte para que Paulo Solano encontrasse pautas para o dia a dia da TV Bandeirantes. Araújo (16 mai. 2018) conta que o Solano era inteligente e percebia que, quando alguma situação tinha potencial para crescer, ele usava a força da TV. Uma época, recorda Edson Araújo, quando uma história que era muito boa e tinha pouco espaço na rádio, Paulo Solano pegava o assunto do programa e levava para a TV onde a pauta teria um espaço maior. O *Boca no Trombone* também serviu para Paulo

Solano fechar material de TV para a rede nacional do Grupo Bandeirantes. Araújo recorda que o apresentador tinha a sensibilidade de pegar a história e mandá-la imediatamente a um repórter da TV bandeirantes. Os assuntos eram sempre diversos, mas relacionados com a previdência. Araújo destaca que, em uma situação, uma pessoa entrou com processo, e o governo sumiu com o documento. Quando isso acontecia, a TV Bandeirantes entrava primeiro e acendia todos os faróis, e depois as outras emissoras precisavam correr atrás. Solano levou uma vez para TV um assunto que acabou rendendo para todo o Brasil. Conforme conta Araújo, o assunto chegou em um ministério e o próprio titular da pasta veio a Porto Alegre resolver o problema (SOLANO, 2018).

O *Boca no Trombone* trazia pautas não só para a TV mas também para o jornalismo da Rádio Bandeirantes. Marcia Charão (18 mai. 2018) conta que, algumas vezes, a discussão do programa terminava no *Paralelo 30* de segunda-feira. Ela lembra que, apesar dos públicos diferentes, havia questões que poderiam ser repercutidas no programa diário de Paulo Solano. Ela relata, ainda, que o telefone também tocava durante a transmissão, com algum ouvinte pedindo alguma orientação ao apresentador (CHARÃO, 2018).

Todo sábado, era dia de Boca no Trombone. Márcia Charão (18 mai. 2018) narra que também foi produtora do programa entre 1993 e 1995. Relata que o produtor do programa normalmente prestava apenas um auxílio ao apresentador Paulo Solano. Charão lembra que o *Boca no Trombone* era o programa preferido do apresentador, e ele sempre estava muito preocupado para que tudo ocorresse da melhor forma possível. Também conta que Solano tinha sempre o programa predefinido, a ideia central definida e que o produtor deveria auxiliá-lo com as demandas que ocorriam durante o programa. Raramente acontecia de Paulo Solano pedir ao produtor para entrar em contato com alguém. Isso acontecia porque, segundo Marcia Charão, sempre havia um quadro fixo de participantes que estavam com Paulo Solano todos os sábados. Do grupo, normalmente mudava apenas uma pessoa (CHARÃO, 2018).

Marcia Charão (18 mai. 2018) descreve o programa contendo uma mesa formada por quatro pessoas fixas, além de Paulo Solano e de um convidado especial. Ela descreve que os convidados fixos normalmente eram um consultor jurídico, um membro do INSS e dois sindicatos. A outra cadeira era reservada para um convidado específico conforme o tema da semana. Charão recorda que Paulo Solano escolhia o assunto e normalmente tinha uma indicação de pessoa conforme a necessidade. Ocorreu de algumas vezes o programa ficar sem o convidado especial ou algum participante fixo não comparecer, mas nunca houve problemas na discussão em função do tamanho da mesa. Charão comenta que, algumas vezes, precisou ir atrás de algum convidado, mas destaca que Paulo Solano sempre auxiliava na produção e

normalmente ele já tinha algum nome para sugerir ou algum convidado pré-marcado. O trabalho da produção era precisamente confirmar o nome e o cargo para a ficha que seria passada para o apresentador durante o programa (CHARÃO, 2018)

Na época de produtora na Rádio Bandeirantes, Márcia Charão (18 mai. 2018) lembra que os jornalistas que faziam plantão nos sábados ficavam exclusivamente na produção do programa, atendendo às ligações. Ela conta que os plantonistas não conseguiam suprir as demandas, porque os dois telefones que ficavam na produção não paravam de tocar. Márcia comenta que:

Enquanto você conversava com uma pessoa o outro telefone já estava fora do gancho porque era uma pessoa que ia ser atendida. Acontecia muito das pessoas ficarem bravas com os produtores porque acreditavam que a gente não queria atender. E por causa disso tivemos que ouvir muitas reclamações dos ouvintes. Havia vezes que o programa acabava e as pessoas não conseguiam fazer a pergunta para ele. O programa era sempre muito dinâmico nos sábados e um pesadelo para quem estava na produção (CHARÃO, 2018).

Charão (18 mai. 2018) ainda conta que era preciso tirar o telefone do gancho antes da hora de começar o programa. A justificativa era que alguns ouvintes já começavam a entrar em contato e pediam para ficar penduradas para conseguir fazer as perguntas e resolver suas dúvidas no *Boca no Trombone*. Ela também relata que as telefonistas também odiavam quando começava o programa. Havia uma das linhas que era via telefonistas e o outro telefone era direto (CHARÃO, 2018).

Conforme o volume de ligações ia chegando, o produtor atendia o ouvinte que se identificava informando o nome e o bairro onde morava e então fazia a pergunta. Márcia Charão afirma que tudo isso era anotado e, quando conseguia reunir de quatro a cinco perguntas, repassava-as para Paulo Solano que estava dentro do estúdio. Charão afirma que o apresentador respondia às perguntas ou passava-as para um dos convidados da mesa que tinha mais conhecimento do assunto. Por vezes, a pergunta gerava uma discussão, trazendo outros pontos para a discussão e gerando outras ramificações. Durante a uma hora de programa, o telefone não parava de tocar. Márcia Charão (18 mai. 2018) conta que o produtor não conseguia sair da mesa nem para ir ao banheiro. Ela afirma que o número de perguntas que entrava no programa girava em torno de dez. Charão explica que, algumas vezes, Paulo Solano passava a pergunta para mais de um convidado ou ele mesmo respondia à pergunta. A produtora destaca que também acontecia das questões se desdobrarem em outros pontos que eram abordados pelos convidados, além da questão de outras conversas paralelas que poderiam surgir durante a discussão. Todas as perguntas anotadas que não eram respondidas, em virtude do tempo, eram guardadas. Paulo Solano se comprometia, no ar, a respondê-las em

um próximo programa. Marcia Charão relata que Solano tinha muita preocupação em responder a todas as perguntas que chegavam até ele (CHARÃO, 2018).

Marcia Charão (18 mai. 2018) recorda que os ouvintes entravam no ar, e sempre havia a preocupação com o que seria dito. Ela afirma que sempre era realizada uma pré-entrevista, no entanto nunca se tem certeza do que a pessoa pode dizer no ar. Temas polêmicos também acabam por se tornar um risco para o programa que acontecia ao vivo. Além dos ouvintes no ar, Charão ressalta a correria para fazer as anotações de perguntas de outros ouvintes para entregá-las para Paulo Solano (CHARÃO, 2018)

Charão (18 mai. 2018) confessa que os sábados eram normalmente mais cansativos que os dias de trabalho durante a semana. Ela brinca que, às vezes, dava até uma vontade de chorar quando sabia que ia trabalhar na produção do *Boca no Trombone*, porque tinha a certeza de que o plantão ia ser intenso. No entanto, Charão relata que, apesar das dificuldades, ela guarda boas lembranças do programa e destaca que Paulo Solano era uma pessoa ótima de se trabalhar. Segundo Charão, Solano era uma pessoa que ouvia as outras e sempre respondia com educação e gostava de debater as pautas junto com os produtores. Além de tranquilo e brincalhão, ela lembra que era fácil fechar programas com o apresentador devido ao respeito que Solano tinha com a sociedade. Charão conta que, quando citava o nome de Paulo Solano como entrevistador, as portas se abriam (CHARÃO, 2018).

Durante os 3 anos na produção do *Boca no Trombone*, Marcia Charão (18 mai. 2018) relata que o programa não fazia propaganda partidária. No entanto, ela reconhece que algumas pautas tinham mais apelo com alguns partidos políticos e com determinados setores da sociedade civil. Apesar disso, Charão destaca que Paulo Solano sempre foi uma pessoa neutra e muito respeitadora e lembra que ele conseguia desviar o programa da propaganda política. Ela ainda afirma que Solano era um homem de posições fortes e grande crítico dos governos vigentes, independente do partido. Charão reafirma que a bandeira do *Boca no Trombone* era a defesa na questão dos aposentados, dos pensionistas e do INSS, pautas que eram a paixão de Paulo Solano. O esforço também era reconhecido pelos ouvintes. Márcia Charão afirma que era comum receber ligações de pessoas dizendo que Paulo Solano era o salvador delas (CHARÃO, 2018).

A Rádio Bandeirantes passa por reformulações em outubro de 1995, e o *Boca no Trombone* passa a ser o único programa de Paulo Solano. Marcia Charão (18 mai. 2018) comenta que elecom dedicou-se exclusivamente ao programa e seguiu fazendo o bom trabalho que realizava. Charão ainda lembra que o *Boca no Trombone* de Paulo Solano era a

referência, a salvação para as pessoas que tinham problemas com a previdência (CHARÃO, 2018).

No ano de 2000, Paulo Solano convida o filho recém-formado em Direito para participar como consultor jurídico do *Boca no Trombone*. Paulo André (16 mar. 2018) afirma que, na época, estava realizando a especialização em Direito Previdenciário. Ao aceitar o convite, o filho passa a revezar a bancada do programa. Paulo André ressalta que, apesar da formação do antigo apresentador, Paulo Solano era advogado e jornalista. Ele se manteve sempre na posição de intermediador entre os questionamentos dos ouvintes e o trabalho de consultoria realizado pelos advogados ou pelos representantes de classe. O filho destaca que o nome do programa representa muito a personalidade do pai. Segundo Paulo André, o apresentador teve uma carreira no jornalismo de 42 anos. Ele destaca que o pai exerceu a profissão até o falecimento e sempre foi crítico do serviço prestado pelos governos. Solano tinha a personalidade forte e criou uma personagem no âmbito jornalístico que era exigente, fazia muitas cobranças e dificilmente ficava satisfeito com as respostas ou com o trabalho da administração pública (SOLANO, 2018).



Figura 10 – Paulo Solano apresenta o *Boca no Trombone* junto com o filho Paulo André Solano
(Fonte: Acervo particular da família Solano)

O nome do programa também tem influência na programação da rede bandeirantes de rádio do estado de São Paulo. Paulo André (16 mar. 2018) afirma que o programa gaúcho tem algumas semelhanças com o realizado em São Paulo. Um exemplo está na questão da interatividade. Conforme Solano, o programa paulista utiliza as perguntas dos ouvintes como norte. Porém os questionamentos são variados e não falam especificamente sobre previdência, abordando também temas do cotidiano paulistano:

“Eu moro na rua tal e aqui faltou luz” ou “olha eu trabalho em empresa tal e o ônibus não está funcionando, podem me ajudar?” É neste sentido. Nós prestamos uma consultoria técnica jurídica na área de previdência e tiramos dúvidas para quem está se programando para se aposentar ou já se aposentou (SOLANO, 2018).

Paulo André (16 mar. 2018) caracteriza o *Boca no Trombone* do Rio Grande do Sul como um programa segmentado para os ouvintes com interesses nos assuntos sobre o INSS, o IPERGS e o funcionalismo público estadual. O filho do apresentador também comenta que o pai não abriu a abordagem do programa para assuntos do cotidiano do porto-alegrense porque dentro da própria emissora havia outros produtos que realizavam essa abordagem (SOLANO, 2018).

O *Jornal de Sábado* da Rádio Bandeirantes de Porto Alegre, com a presença do prefeito da capital gaúcha, é um exemplo disso. Segundo Paulo André (16 mar. 2018), o programa já tinha o objetivo de ouvir a comunidade do município e transmitir as reclamações e as demandas. Na TV Band, o programa *Rede Cidade* tinha o foco em receber as questões dos munícipes e encontrar as respostas a essas demandas até o final da transmissão. A falha no abastecimento de luz ou de água são exemplos. Paulo André Solano destaca que a ideia do *Espaço dos Aposentados*, ou mais tarde do *Boca no Trombone*, era ser um pioneiro no segmento. Solano destaca que não havia produtos em outras emissoras que unissem a interatividade com o ouvinte à prestação de serviços jurídicos especializados (SOLANO, 2018).

Araújo (16 mai. 2018) exalta que, durante toda a sua trajetória, o programa manteve sempre seu compromisso com o ouvinte e nunca trabalhou a favor de algum patrocinador. Ele também conta que Solano não acreditava na capacidade de crescimento do programa, mas depois percebeu o potencial de crescimento e o retorno gerado pelo *Boca no Trombone*. Edson Araújo afirma que as dificuldades eram totais na época. Ele lembra que não havia recursos para manter o mínimo para o programa. E o *Boca no Trombone* só precisava de uma pessoa para atender a um telefone e anotar o nome, o CPF e às vezes a pergunta do ouvinte. Depois, Paulo Solano brincava que Edson Araújo ia deixar o programa um ano no ar e tirá-lo em seguida (SOLANO, 2018).

Em 2005, Paulo Solano acaba falecendo. Segundo o filho, o pai sempre teve uma vida tranquila, regrada e sem abusos como o álcool ou o cigarro. A morte causou surpresa na família. O motivo foi um câncer de esôfago, diagnosticado em junho de 2005 e vitimando o apresentador em setembro do mesmo ano. Paulo André (16 mar. 2018) lembra que o pai não tinha o histórico de doenças. Apesar da perda, o programa não termina. E a partir do óbito, uma nova condição do programa aparece, e Solano, que o apresentava junto do pai, decide seguir o legado retomando o programa em 2005:

Foi um momento muito difícil. Eu em um primeiro momento fiquei me questionando “e agora?”. Porque quando você tem alguém que durante toda a sua vida lhe auxiliou e lhe pautou não só nas questões pessoais, mas também na trajetória profissional. Eu tenho uma identidade na formação. Eu sou radialista e sou advogado assim como ele era. Então, além da parceria com ele aqui na área da comunicação, tínhamos o escritório de advocacia juntos há cinco anos. Foi um momento de divisor de águas. (SOLANO, 2018)

Edson Araújo afirma que ficou muito preocupado com o projeto após o falecimento repentino do apresentador. Ele conta que, quando recebeu a informação, além da tristeza da perda, ficou com muito medo que todo o processo acabasse e que mais nada desse certo. No entanto, Araújo conta que ficou contente com a decisão do filho de assumir e manter o legado do pai. Ele ainda destaca que, além de manter o programa, Paulo André conseguiu criar novos conteúdos e chegar, também, à televisão (ARAÚJO, 2018).

Paulo André (16 mar. 2018) afirma que o mesmo modelo criado pelo pai de dar vez e voz aos aposentados, aos pensionistas e aos servidores públicos segue em vigor até hoje. Conforme Solano, a formação em Direito tornou-se um apelo jurídico para garantir esse espaço de defesa de direitos (SOLANO, 2018).

O programa *Boca no Trombone* está próximo de completar 30 anos. Nesta trajetória, mudanças no formato e na duração do programa foram sendo acrescentadas no decorrer dos anos. Conforme o jornalista e advogado Paulo André (16 mar. 2018), no ano de 2007, o programa passou a contar com 90 minutos de duração. Conforme Solano, a justificativa está no aumento do interesse por matérias de Direito Previdenciário, e o aumento dos parceiros do programa proporcionou a alteração. O *Boca no Trombone* seguiu começando às 8 horas de sábado até as 9h30 da manhã. Solano destaca que anualmente foi sendo incrementada as formas de interatividade e participação no programa. Em 2008, teve início o *drops Boca no Trombone*. O objetivo, segundo Solano, é trazer pílulas que seriam veiculadas de segunda a sexta-feira na programação da Rádio Bandeirantes com informações sobre previdência, serviço público e servidores. Mais tarde, seriam veiculadas também na Rádio Band News FM. O programa também passou a divulgar conteúdo nas redes sociais, através de um site e

também pelo Facebook. Até 2015, o programa tinha 1h 30 min de duração, 2016 o *Boca no Trombone* ganhou mais meia hora chegando a 120 minutos. O programa atualmente entra todos os sábados no ar entre 7h30 e 9h30 da manhã (SOLANO, 2018).

Em 2012, o programa chega à televisão. O *Boca no Trombone* chega à programação da TV Bandeirantes primeiramente no formato de pílulas, de segunda a sexta-feira, com 10 minutos de duração pelas manhãs. O horário sempre entre 7h50 e 8 horas. As pautas seguem as mesmas do formato que era exclusivo do rádio: direito previdenciário. Convidados também participavam das transmissões expondo suas questões relativas aos trabalhadores aposentados e pensionistas. A edição da TV deixa, no ano de 2014, de ter o formato de pílulas e passa a ser um programa semanal aos domingos com duração de 30 minutos. O primeiro horário do *Boca no Trombone* na Televisão foi o das 8 h, mas ele foi sofrendo alterações durante os anos. Atualmente o programa está entre 8h30 e 9h. O conteúdo da TV também passou a ser disponibilizado via página do programa no YouTube (SOLANO, 2018).

Edson Araújo (16 mai. 2018) comenta que o programa segue com muita capacidade de crescimento. Ele cita que o *Boca no Trombone* trabalha muito bem Porto Alegre e região metropolitana, mas ainda não alcança o resto do estado do Rio Grande do Sul. Araújo destaca que o perfil de prestação de serviço, que foi o diferencial no início do programa, segue fazendo sucesso. Araújo elogia o trabalho realizado pelo filho de Paulo Solano e lembra que a sociedade brasileira está envelhecendo, o que vai aumentar ainda mais o público do programa. Ele ainda cita que Paulo André manteve o legado do pai e conseguiu ampliar o projeto. Tais resultados podem ser vistos no aumento da duração do *Boca no Trombone* na Rádio Bandeirantes e a produção de um programa especialmente para a TV Bandeirantes. Araújo ainda faz críticas às emissoras que ainda acreditam no esporte como carro chefe da programação. Apesar da idade do programa, Araújo destaca que a proposta é nova e pouco explorada no rádio e lembra que o programa tem importância social ao auxiliar as pessoas a tirarem suas dúvidas sobre a previdência (ARAÚJO, 2018).

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante o período de 1989 a 2005, Paulo Solano esteve à frente do *Boca no Trombone* na Rádio Bandeirantes, de Porto Alegre. O objetivo do programa, conforme Paulo André (16 mar. 2018), era prestar um serviço de consultoria sobre os direitos dos aposentados, pensionistas e servidores públicos. Dentre as categorias jornalísticas, pode-se considerar o programa dentro do gênero utilitário, em função da intermediação na resolução de problemas da população. Nesta proposta, o ouvinte entra em contato com a emissora para constatar uma situação e, no ar, órgãos públicos responsáveis manifestam-se a respeito. O *Boca no Trombone* era um espaço para tratar da questão previdenciária a partir das dúvidas relatadas pelos ouvintes. Recentemente, o programa se propôs a fazer o contato com o legislativo, exigindo uma prestação de contas de deputados e senadores sobre o trabalho relacionado à defesa dos direitos sociais e individuais do cidadão. Cabe salientar que o programa começa em uma nova “era” de direitos no Brasil, marcada pela chamada Constituição Cidadã. A proposta mantém-se atual com o transcorrer dos anos devido as atualizações e alterações na legislação trabalhista em vigor no Brasil.

O *Boca no Trombone* traz informações jurídicas a partir dos questionamentos dos ouvintes que chegam via carta ou telefone. Paulo André (16 mar. 2018) ressalta que a participação do ouvinte é a marca do programa desde o início, ponto que foi reforçado durante as entrevistas que confirmaram o interesse do apresentador de ouvir os problemas da população. O rádio cativa o ouvinte pela rapidez e por sua simplicidade, o que proporciona a interatividade com o receptor. Os ouvintes descobriram, neste veículo de comunicação, um aliado na busca por informação e na defesa de direitos. Cabe salientar que, no *Boca no Trombone*, a interatividade foi um ponto crucial para que a proposta inicial tivesse sucesso. Tendo como principal personagem a interação, o programa apostou no desejo do ouvinte de estar presente e solicitar informações. Paulo André destaca que novas forma de interação foram acrescentadas, com o advento de novas tecnologias como aplicativos e redes sociais.

O *Boca no Trombone* se assemelha a outros programas que marcaram a história do rádio gaúcho. *Vozes da Cidade* e *Clube da Boa Vontade* estão ligados ao chamado rádio popular ou a precursores deste. O *Boca no Trombone* não é diferente, pois ouvintes que precisam de ajuda e não têm condições de contratar serviços específicos resolvem dúvidas com os profissionais da área jurídica e com sindicatos convidados pelo programa. Todos os

sábados pela manhã, na Rádio Bandeirantes de Porto Alegre, a população desassistida conta com um canal de auxílio na defesa de direitos.

Em relação à vida de Paulo Solano, o jornalista teve um início de carreira muito longe do setor em que terminaria. A preferência pelo Sport Club Internacional motivou o jovem Solano a optar pela cobertura esportiva no jornalismo. No entanto, cabe salientar que a opção pelo lado vermelho do Rio Grande do Sul nunca foi motivo de orgulho para o jornalista, que fazia duras críticas ao clube. Os comentários acabariam por gerar reações contrárias ao jornalista por parte da audiência colorada. O apresentador considerava a preferência pelo Internacional como uma mera opção por um clube de futebol. Das jornadas esportivas como repórter até a vida de comentarista, Solano trabalhou em todas os setores com nomes históricos do rádio gaúcho. Ele difundiu seu trabalho no jornal, no rádio e na televisão, alcançando o sucesso, principalmente nos dois últimos meios de comunicação. Solano também contribuiu para levar os debates futebolísticos do rádio para a televisão. *O Câmera Dez*, que entrava no ar todas as noites de domingo, é parte da história do jornalismo esportivo do Rio Grande do Sul.

No entanto, o jornalista encontrou sua verdadeira paixão fora do entretenimento. O *Boca no Trombone* foi o programa, por meio do qual Paulo Solano conseguiu aliar a vontade de ajudar as pessoas ao conhecimento adquirido no curso de Direito. Cabe salientar que a graduação não só contribuiu para sua carreira mas também proporcionou ao apresentador conhecimento e sensibilidade para orientar os ouvintes na hora de solucionar dúvidas. A convivência no meio também lhe facilitou a busca por profissionais competentes para participar do programa e ajudá-lo na consultoria. Paulo Solano não estava trabalhando para tomar clientes de outros advogados ou fazendo uma audiência ao vivo por telefone. O *Boca no Trombone* dialogava com o público para fornecer assistência a setores humildes da sociedade que estavam desorientados e com dificuldades de natureza jurídica.

As entrevistas configuram um ponto central para o cumprimento dos objetivos deste trabalho, uma vez que, em se tratando de um tema contemporâneo e pouco pesquisado, exige que os dados e informações sejam colhidos diretamente com os participantes do processo em questão. Cabe salientar que são muitas as discussões sobre a confiabilidade das informações obtidas nas histórias de vida. A monografia reconhece que falhas de memória, racionalização inconsciente ou mesmo de interpretações podem ocorrer durante a coleta dos depoimentos. O trabalho destaca que a subjetividade jamais será superada, no entanto a coleta de documentos oficiais da Rádio Bandeirantes de Porto Alegre contribuiu para ajustar detalhes da monografia.

Paulo André mantém o perfil do *Boca no Trombone* agregando novos parceiros na prestação de serviço, de informações jurídicas para aposentados, pensionistas e servidores públicos. O filho de Paulo Solano (16 mar. 2018) afirma que foi difícil substituir o pai, todavia a manutenção do formato do programa e a busca pelo aprimoramento profissional têm sido o principal objetivo de Paulo André. Pode-se julgar que a monografia conseguiu reunir uma parte da história do comunicador Paulo Solano e do Programa *Boca no Trombone* da Rádio Bandeirantes de Porto Alegre. Novas abordagens podem ser avaliadas por diferentes pesquisadores interessados no tema a fim de contribuir para o desenvolvimento dos estudos do rádio e do gênero no Rio Grande do Sul e também no Brasil.

REFERÊNCIAS

ALBERTI, Verena. **Manual de história oral**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2005.

ARAÚJO, Edson Marchiori. Entrevista pessoal realizada em 16 de maio de 2018.

COSTA, Laiton Alves da. Gêneros jornalísticos. In: MELO, José Marques de; ASSIS, Francisco de (Org.). **Gêneros jornalísticos no Brasil**. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, 2010. p. 43-83

DUARTE, Jorge. Entrevista em profundidade. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio (Org.). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. São Paulo: Atlas, 2006. p. 62-83.

DUARTE, Márcia Charão. Entrevista pessoal realizada em 18 de maio de 2018.

FERRARETTO, Luiz Artur. **Rádio e capitalismo no Rio Grande do Sul: as emissoras comerciais e suas estratégias de programação na segunda metade do século 20**. Canoas: Editora da Ulbra, 2007.

_____. **Rádio: teoria e prática**. São Paulo: Summus, 2014.

GOBBI, Maria Cristina. Método Biográfico. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio (Org.). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. São Paulo: Atlas, 2006. p. 84-97.

KLÖCKNER, Luciano. **Nova retórica e rádio informativo**. Porto Alegre: Evangraf, 2011.

LUCHT, Janine Marques Passini. Gêneros no radiojornalismo. In: MELO, José Marques de; ASSIS, Francisco de (Org.). **Gêneros jornalísticos no Brasil**. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, 2010. p. 269-290

MATTELART, Armand; MATTELART, Michèle. **Historia de las teorías de la comunicación**. Barcelona: Paidós, 1997.

MELO, José Marques de. Economia Política da Comunicação no Brasil de 1923-2008: Percursos, pioneiros, baluartes e vanguardistas. **Intercom – Revista Brasileira de Ciências da Comunicação**, São Paulo, v. 32, n. 1, p.15-31, jan. 2009.

MOSCO, Vincent. Repensando e renovando a economia política da comunicação. **Perspectivas em ciência da informação**, Belo Horizonte, v. 3, n. 2, p.97-114, dez. 1998.

PIRES, Paulo Roberto Lazzaretti. Entrevista pessoal realizada em 18 de maio de 2018.

PROJETO VOZES DO RÁDIO (Porto Alegre). Faculdade de Comunicação Social - Famecos/PUCRS. **Paulo Solano**, 2004. Disponível em: <<http://eusoufamecos.uni5.net/vozesdoradio/entrevista-completa-89//>>. Acesso em: 25 mar. 2018.

PROJETO VOZES DO RÁDIO (Porto Alegre). Faculdade de Comunicação Social - Famecos/PUCRS. **Dilamar Machado**, [s.d.]. Disponível em: <<http://eusoufamecos.uni5.net/vozesdoradio/vozes/vozes/d/dilamar-machado/>>. Acesso em: 06 mai. 2018.

Rádio Bandeirantes. **Programação**. Porto alegre, 1994. Material de divulgação para anunciantes e agências.

ROQUE, José Carlos. Jornalista da Rádio Bandeirantes de Porto Alegre desde 1997. Entrevista pessoal realizada em 15 de maio de 2018.

SOLANO, Paulo André. Apresentador do programa *Boca no Trombone* desde setembro de 2005, advogado e radialista. Entrevista pessoal realizada em 16 de março de 2018.

STUMPF, Ida Regina C. Pesquisa bibliográfica. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio (Org.). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. São Paulo: Atlas, 2006. p. 51-61.

THOMPSON, John B. **A mídia e a modernidade**: uma teoria social da mídia. 5.ed. Petrópolis: Vozes, 2002. p. 77-107.